

## Na véspera das eleições até as "fôrças-vivas" têm ternuras para o operariado

O órgão das fôrças vivas assumiu ontem uma desinteressada, atitude de defesa da classe trabalhadora — defendeu-a dos políticos. Soube desalmadamente os políticos, os patifes que andam a intrinjar o operariado para lhe comerem os votos e... borrarem-lhe no anzol...

O papelucho que ainda na véspera lançara contra o operariado os piores insultos, bolsara as mais repugnantes teorias fazendo o jogo dos políticos que mais têm perseguido os trabalhadores, ontem estava manso como um cordeiro e aplaudia a severa crítica que dias antes fizéramos a todos os eleicoeiros nos quais incluíramos os da União dos Interesses Económicos.

Todo ternuras, todo carinhos paternais, o órgão da U. I. E. dava bons conselhos ao operário português que, por gentileza, qualificou de melhor do mundo. Não se esqueceu de acentuar bem que os políticos profissionais são uma fauna perigosa constituída em regra por indivíduos que falharam nas profissões úteis. São "advogados e médicos sem clientes, jornalistas sem gramática e sem público, marechais e chefes sem soldados, literatelhos a dez tostões a groza, tudo isto de mistura com algumas firmas já falidas nos vários ramos da actividade social."

E' curioso que lá pela U. I. E. também se encontram alguns advogados sem clientes e pseudo jornalistas de duvidoso brio profissional. E então paladros: "papagaios louros empoleirados" nos interesses da nação existem por lá e de sobejo.

Mas não podemos deixar de registar esta clara visão do *Seculo*. Realmente a crítica que ele faz aos políticos provém duma observação sagaz e aturada, confirmando duma maneira absoluta o que, por nossa vez, temos dito sobre o assunto. O que nos admira é que o *Seculo* não tenha observado com a mesma lucidez os actos revoltantes praticados por esses políticos que tão bem define, contra o povo trabalhador. E se eles são incompetentes e nulos, porque os aplaude quando se lançam numa fúria perseguidora sobre os operários de quem se mostra tão amigo?

Porque aplaudiu as deportações sem julgamento — obra nefasta de traição às leis da república e da humanidade?

Porque motivo incita o governo a manter essas deportações, sabendo que os deportados, cujas culpas nenhum tribunal apreciou, estão tombando vitimados pelo mortífero clima?

Porque não soltou ainda um brado de revolta contra os espancamentos bárbaros de operários, que ocorrem cotidianamente nas esquadrões policiais?

Porque defende os interesses dum comércio que rouba o trabalhador, duma indústria que explora operários e escraviza mulheres e crianças, duma finança que de "escroquerie" em "escroquerie" levou o país à ruína e à mais pavorosa desordem económica?

Sim; porque motivo manifesta o *Seculo* tão boa vontade em arrancar o operariado às garras dos políticos e não manifesta idêntico desejo de livrá-lo das garras não menos cruéis do capitalismo?

A *Batalha*, como porta-voz da classe operária portuguesa, agradece recohecidíssima o carinho de *O Seculo* e espera que ele comece lá por casa a aplicar a sedutora doutrina que veio impingir-nos...

## O dr. Amâncio de Alpoim afirmou ontem na sua conferência que a biliosa não se compadece de razões nem espera que se resolva o regresso dos deportados

A conferência sobre as deportações dos operários para a Guiné, feita pelo dr. Amâncio de Alpoim e que estava marcada para as 9 horas, não pôde ser efectuada a essa hora em virtude da policia ter proibido a sua realização.

No entanto, depois de várias "démarches", sempre foi consentida. A sala estava repleta.

O dr. Amâncio de Alpoim, depois de resumir em poucas palavras o fim com que vinha lá falar aos trabalhadores, afirma que a pesar de tudo o que parecia a reacção das classes trabalhadoras, perante os crimes dos governantes, não tem correspondido às circunstâncias.

Os trabalhadores vivem dentro do ambiente económico que os esmaga. E qual será o protesto de que eles se poderão servir no actual momento? Por uma greve geral? Impossível. Na época presente os trabalhadores não poderiam sustentar uma greve durante sete dias. O patronato esse está sempre bem. Se ele encerrasse as fábricas isso pouco ou nada o incomodaria.

O trabalhador sabe que o país atravessa uma grande crise, mas não tem força para se impor.

Mas é preciso agir: a bem ou a mal, haja o que houver é necessário que o operário se decida perante este dilema: ou acabar com esta República burguesa ou voltar para uma monarquia tão burguesa como esta. Porque afinal entre esta santa República e a Monarquia que desapareceu o diabo pode escolher...

E' necessário que o povo tome bem cuidado no caminho que vai trilhando: se a monarquia voltasse a Portugal, não julgemos que nos encontraríamos perante uma monarquia liberal e consciente como a da Inglaterra, a da Dinamarca ou a da Bélgica; teríamos uma monarquia de opressão e de extermínio para as massas trabalhadoras! A cada reclamação o trabalhador faminto obteria a religião como narcótico e a espada como processo terapêutico. Eis o futuro que esperaria os trabalhadores da nossa terra.

Porque é que o trabalhador não se preocupa com o melhoramento desta República? Porque consente — mais ainda — porque ajuda com a sua indiferença criminosa, a condenação à morte de 40 companheiros sem julgamento?

Se aos políticos da nossa terra só o voto lhes interessa porque não castigam, os trabalhadores, os que os perseguem e não ajudam os que os não perseguem?

Como o orador nesta altura incide a sua palestra sobre a necessidade do voto, algum na assembleia interrompe-o. Há uma breve troca de palavras, que obriga o dr. Amâncio de Alpoim a perguntar:

—Mas que outro processo haverá para salvar os deportados?

A mesma voz: —Pelas armas!

—Onde estão elas? —continua o orador. E seguindo o fio do seu discurso: O processo da greve geral já foi tentado e não deu resultado.

O que não está em harmonia com quer que seja é subir as escadas do ministérios mendigando a sorte dos revoltados! (muitos aplausos).

Não se compreende que, scientes da força que possuímos, nos rebaixemos a fazer

abaixo-assinados aos ministros! (aplausos prolongados) Temos que nos defender pelas nossas próprias mãos!

Na noite de 18 de Abril —historia o orador— quando do movimento militar, cujo julgamento se está fazendo no sala do Risco, julgamento este em que cada palavra é uma vergonha e cada gesto uma denuncia, não houve armas para distribuir ao povo. Não basta sairmos daqui com um grito nos lábios, desejando que as armas apareçam nas mãos dos trabalhadores! O comício publico também não basta!

Mal se começou a ventilar que os deportados deviam regressar à metrópole para aqui serem julgados imediatamente, toda a imprensa se revoltou apelidando tal pensamento de crime, infâmia, etc.

O orador afirma em seguida que estamos perante um problema em que a única solução consiste em, no terreno politico, impedir que estas ignominias se consumam.

E depois lembra com veemência: Não se pode perder tempo. Enquanto por cá discutimos doutrinas eles vão agonizando na Guiné! Ainda mesmo que esses homens tivessem cometido crimes, neste ambiente em que vivemos de miséria, de tavernas, de roubos, "compreende-se a razão de ser de esses crimes, e não nos devemos admirar se da sociedade saem por vezes flores do mal, se surge um revoltado que exagera e leva o seu gesto à violência. Devemos-nos admirar de tudo o que está sucedendo num momento em que a diferença que existe entre honra e desonra é determinada pelo primeiro policia bronco que apareça...

Qual, pois, o processo pratico para libertarmos estes homens? Perguntem aos oradores que ali se têm sentado qual é esse processo. Quando se trata de libertar um trabalhador que se sacrificou à causa, haverá o direito de não enveredar pelo único caminho que se nos apresenta?

O orador lembra que não vem pedir votos. Sabe muito bem que pedir votos ao operário português é a maior ofensa que se lhe pode dirigir...

O que ele sabe é que é necessário agir o mais depressa possível: a biliosa não perdoo e o clima mata depressa. Os condenados virão pedir contas da demora que li tememos tido em libertá-los!

Como se poderá, pois, resolver o problema dos deportados? Os homens de São Bento não querem e não podem resolvê-lo. São os trabalhadores que o devem fazer. Como? Por uma revolução? Impossível. Nós somos por enquanto uma minoria de sacrificados mandados por uma maioria de labregos.

O povo deve preparar o ambiente para acabar com todo este estado de coisas. Mas previamente há um problema reformista a tratar.

Querá o povo trabalhador que a Revolução caia do céu, como uma sorte grande, sem nos termos preparado para ela?

Como o orador fizesse novamente compreender a necessidade de votar nas esquadras, alguns indivíduos manifestam-se tumultuosamente, desistindo o dr. Amâncio de Alpoim de continuar a sua palestra.

A assembleia aplaudiu o orador. Foi tirada uma quebra a favor dos presos que rendeu 123\$00.

## Notas & Comentários PERSEGUIÇÕES

"Gustavo Parreira"

Jose Parreira é um sucedâneo de Gustavo Le Bon — e um Gustavo Le Bon de via reduzida. O filósofo francês ainda sabe envolver as suas teorias reacçãoárias em frases inteligentes. Mas o sr. Parreira, a despeito de muito viajado, não consegue architectar uma teoria. Nem sequer sabe imitar o mestre. Agora meteu-se a escrever sobre socialismo. Mas que pobreza de ideias! Mesmo à vista desarmada se verifica que o homem não percebe nada do assunto. Ele bem quer tornar odiosas as teorias socialistas, mas não alcança o seu intento por absoluta falta de inteligência. Mete d'ê a aflição do sr. Gustavo Parreira, mete d'ê. E, se não fosse por parecer mal atacarmos os ideais que defendemos, dávamos daqui, por piedade, uma ajuda ao homenzinho — porque nos dói sabermos que ele está a fazer mal figura...

em comentários

Mais um facto que o tenente Abelha talvez não conheça e que completa o relato da fuga do tenente-coronel Raul Esteves para a Legação da América, quando da revolução de 19 de Outubro:

Como alguém lhe lembresse que ele não estaria muito seguro naquela Legação em virtude de não se ter apagado da memória do povo a célebre frase do ministro daquela nação — Sidónio é grande demais para um país tão pequeno — Raul Esteves aceitou o convite de refugiar-se numa loja de barbeiro da rua do Alecrim, onde heróicamente se conservou durante todo o dia 20 de Outubro.

Sem comentários.

Como eles se conduzem...

Em poucas indústrias a exploração exercida sobre menores é tão revoltante como na de lençóis.

Durante muitos anos, a pesar dos fartos proventos que ela proporcionou, os industriais nunca quiseram saber da situação de milhares de crianças que ali se definham diariamente. Agora que uma crise grande obrigou a encerrar algumas fábricas, os industriais em alguns jornais da grei cantam o sofrimento das crianças e com mentirosamente se condemn. Há dias *O Seculo*, numa carta aberta ao ministro das Finanças, tocava a mesma tecla. Para essa refinada especulação chama-nos a atenção um nosso leitor, numa interessante missiva que nos dirigiu. Nela põe o autor toda a

Como se arranjam legionários

Os jornais, por indicação da policia, referiram-se há dias à prisão do fundador Joaquim da Silva, cujo cadastro e fotografia publicaram. Tratava-se, diziam, dum legionário muito perigoso, com bastantes prisões. O acusado enviava-nos a carta que a seguir publicamos, e por ser muito edificante chamamos para ela a atenção do leitor:

Sr. redactor. — Fui preso no dia 7 do corrente. Sou infamemente acusado de autor de crimes, alguns dos quais ignoro que se tivessem praticado. Entre outras acusações há a de que tomei parte no atentado do sr. Ferreira do Amaral e fui autor do lançamento da bomba na rua Maria Pia e do abandono duma outra na fábrica Vulcano. Também disseram que tenho prisões por furto. Para que se avalue da falsidade de todas estas acusações basta dizer-lhe que não só não tomei parte nos atentados que me imputam, como também nunca na minha vida fui preso. E' esta a primeira prisão. O retrato que *O Seculo* publicou não é meu como é fácil provar-se. Tenho apenas 24 anos e o fotografado aparenta ter 40 anos. E aqui tem, sr. redactor, como a policia arranja "legionários", que, a avaliar pelo meu caso, são inventados pela policia. Dêste que lhe fica muito grato, etc. — Joaquim da Silva. — (Calabouço 6, do Governo Civil).

Que diz a isto, leitor? E' ou não verdade tudo quanto aqui temos afirmado sobre a obra da policia?

Que diz a isto, leitor? E' ou não verdade tudo quanto aqui temos afirmado sobre a obra da policia?

Que diz a isto, leitor? E' ou não verdade tudo quanto aqui temos afirmado sobre a obra da policia?

Que diz a isto, leitor? E' ou não verdade tudo quanto aqui temos afirmado sobre a obra da policia?

Que diz a isto, leitor? E' ou não verdade tudo quanto aqui temos afirmado sobre a obra da policia?

Que diz a isto, leitor? E' ou não verdade tudo quanto aqui temos afirmado sobre a obra da policia?

Que diz a isto, leitor? E' ou não verdade tudo quanto aqui temos afirmado sobre a obra da policia?

Que diz a isto, leitor? E' ou não verdade tudo quanto aqui temos afirmado sobre a obra da policia?

Que diz a isto, leitor? E' ou não verdade tudo quanto aqui temos afirmado sobre a obra da policia?

Que diz a isto, leitor? E' ou não verdade tudo quanto aqui temos afirmado sobre a obra da policia?

Que diz a isto, leitor? E' ou não verdade tudo quanto aqui temos afirmado sobre a obra da policia?

Que diz a isto, leitor? E' ou não verdade tudo quanto aqui temos afirmado sobre a obra da policia?

Que diz a isto, leitor? E' ou não verdade tudo quanto aqui temos afirmado sobre a obra da policia?

Que diz a isto, leitor? E' ou não verdade tudo quanto aqui temos afirmado sobre a obra da policia?

Que diz a isto, leitor? E' ou não verdade tudo quanto aqui temos afirmado sobre a obra da policia?

## Como se vive, como se morre e como se enterra nas terras de Marrocos

A *Batalha* transcreve hoje uma carta que dá uma ideia do que é a vida atroz dos soldados que tombam todos os dias sob o ardente sol de Africa em defesa do imperialismo franco-espanhol.

Esta carta serve ao mesmo tempo para demonstrar as intrugices de que se serve a imprensa burguesa, tanto estrangeira como portuguesa, para encobrir os horrores dramáticos que cotidianamente se dão em Marrocos.

Eis a tradução da carta citada e que foi enviada por um soldado francês a um dos jornais de Paris:

"Estamos à espera da ordem de marcha e amanhã à noite chegaremos à linha de fogo."

"As ideias que me escaldam o cérebro bem tristes são. Sinto-me aborrecido e não sou eu o único."

Aqui no campo quasi todos estão bêbados, dos quais a maior parte são sargentos...

(Continuação da carta 3 horas depois)

—Acabamos de encontrar no nosso caminho três combóios com feridos—viam da frente—e três combóios carregados de munições de grosso calibre que se dirigiam para as nossas linhas.

A partir do dia de hoje nada mais vos poderei contar ou bem pouco será, pois as tesouras são compridas e as paragens numerosas. No entanto eis um resumo: carnificina e incoerência de ordens devido à falta de acôrdo.

Agosto de 1925.

... Nos dias 25, 26 e 27 estávamos em operações na região de F. e S. Perdemos 11 homens, 1 sargento e 9 cavalos, entre os quais o meu. O meu amigo V... morreu em razão dos ferimentos recebidos.

Agora os rifenhos preparam-se fortemente para a retaguarda para se oporem à ofensiva de Setembro que foi dada em virtude do grande calor que tem feito.

Nesta região todas as noites arriscamos a pele para nada; duas dezenas de rifenhos vieram fazer fogo sobre as nossas fileiras e as balas assobiavam por todos os lados. Enquanto estivermos no abrigo tudo vai bem, mas desde que se trate de nos juntarmos ao posto e portanto obrigados a atravessar uma zona completamente deserta, pomon-nos a pensar...

Durante o dia presenciámos um espectáculo horrível. Envolta do campo, daqui a uns duzentos ou quinhentos metros, estão enterrados homens e cavalos, mas muito à superfície, de maneira que devido ao calor, saem emanções dos corpos, milhões de moscas poissam sobre o amontoado de carnes podres e nós respiramos cloreto de cal em vez de ar puro.

A água está envenenada pelos corpos dos animais que apodrecem no meio dos rochedos ou nas ribanceiras.

Mas o mais horrroso de todos estes quadros é certamente o seguinte: Depois do "trabalho" terminado os camiónes vão carregar os corpos dos soldados que trazem para o posto mais próximo. Duma vez vi um camión carregado com 32 corpos voltar aos solavancos e de repente ter que parar devido a uma "pana"; o "chauffeur" teve que se deitar sob o carro a pesar-dos variados líquidos que lhe caíam em cima.

E' ignobil, e eu penso nos jornais que contam o enterramento "heróico" perante a comocão de todas as unidades formadas. Como vê pela fotografia que envio os mortos são metidos numa saca e depois são lançados para o mesmo buraco... um pouco de cloreto de cal, uma pasada e acabou-se...

O efectivo dos franceses da minha companhia sofreu muitas baixas, de 21 só ficaram 4, os outros estão nos hospitais.

Quando lerem os jornais, multipliquem sempre por 5 e terão o número certo de baixas do nosso lado. Dividam por 2 e terão o total dos outros."

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

## O Governo Civil é um antro imundo onde o arbitrio manda que se definhem homens, presos há mais de quatro meses sob as mais fantásticas acusações!

Para aqueles que não tenham ainda o sentimento embotado, uma visita aos calabouços do Governo Civil é torturante.

O ambiente sufoca, nauseabundo pela imundície e enervante pelo aspecto da gente que o povoa. Quem pela primeira vez ali entre a título de curiosidade, esperando de colher nma emoção profunda ao deffrontar os encarcerados, que vislha de rostos patibulares, de aspecto feroz e traços fisionómicos que demarquem uma degenerescência conducente à prevaricação, e supondo que os carcereiros e demais guardas são criaturas de aspecto austero sim mas capazes de impôr um respeito natural pelo justo trato a quem, um azar da sorte ou ancestralidade, ou ainda um fácil erro policial ou a vingança desta esperança, para ali lançado, quem leve esta esperança, dizíamos, colhe uma decepção profunda. Encontra mesmo uma situação paradoxal: O visitante, mal transpõe o portão gradeado, vê-se assediado por uma infinidade de olhares duros, quasi ferozes, e se não tem a presença de espírito precisa para emergências tais, ou retrocede, ou então avança temeroso, parecendo-lhe a todo o momento sentir sobre o ombro a mão pesada da "ordem".

Avançando-se, vai-se pouco a pouco mergulhando no fétido que dali se exala e é inenarrável, para os que nunca tiveram o desgosto de ali ir, a entrada nos corredores das prisões. A impressão que se recebe ao aproximarmo-nos da grade é embriagante, duma embriaguez misto de nojo e de dó.

Naqueles buracos gradeados, em que uma luz débil põe laivos de pis e lama, mexem-se uma multidão de seres que espiam o crime—o maior dos crimes—de serem miseráveis. Dir-se ia que numa maldição horrenda a sociedade fez uma síntese de todos os seus erros legalistas e os lançou, como anátema, sobre aquela minoria, parte pervertida, parte inocente.

O visitante encontrará ali, naquela caverna digna de figurar num romance medieval, desde a mulher prostituta que se tivesse automóvel, sédas e um nome ilustre seria recebida com várias num gabinete ministerial, sendo tanto mais "chic" quanto mais adultera, até ao homem que roubou pela infelicidade de não ser banqueiro e roubando aos milhões, poder mandar prender os que arrastam às migalhas.

E nem sequer esses desgraçados têm um nome ligado aos da "alta" que lhes permita o serem internados numa casa de saúde como doentes da "eleptomania".

E entre esses, quantos inocentes? Generalizado o roubo e acobertado este pelas leis, as policia não poderiam desaparecer. E então, vá de forjar uma população nova para as cadeias: os presos por suspeita de suspeitos atentados. As vítimas dum ardid da policia, da vingança dum inimigo que vestiu a farda e se armou para ter a coragem de uma ideia que se pretende manchar com a aposição de bandoleiro a um seu adepto.

Por isso, a visita aos calabouços inquisitoriais do Governo Civil, indispe-nos e tortura-nos.

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

...

Porque se não atende aos justos brados desses homens? Julgem-nos!

Esse exército de policia e escrivães, cuja habilidade tanto se tem exalçado, deve ter cozinhados os processos. Porque os não julgam, aí, onde toda a gente conhece o que de verdade sobre os inculpados impende? A não ser que, tão fantásticos sejam os processos que se receie a desapprovação do desiderato por parte do grande público que a justiça dos tribunais diz representar.

...

Entre os presos do calabouço 6, o mais recente é o operário fundidor Joaquim da Silva, acusado de "legionário"—essa designação adoptada pela policia para justificar todos os arbitrios. E'-lhe atribuído uma série de feitos e um largo cadastro, que ele desmente com facilidade. E' preso pela primeira vez; e o retrato que os jornais publicaram como sendo dele é uma mistificação, facil de comprovar.

No 5 está desde ontem o nosso camarada João Maria Major. Procurámos ouvi-lo sobre o motivo da sua captura. Impossível, no meio daquele borborinho de anedotas em que todos os de fora procuram comunicar com os de dentro. Ele, porém nos transmitirá o que sabe das maquinações que lá volta da sua situação, mais do que da sua pessoa, urdiram os magnates de Setúbal, aproveitando-se dum gesto dum louco ou dum perverso. A este também o que nos vem ver, no calabouço 8 onde se encontra, mas fogue-nos à vista, cabisbaixo; como vergado ao peso de mais uma culpa além das que possuiu no facto de que é protagonista—de ter lançado sobre um inocente a acusação de seu cúmplice.

...

Do Governo Civil não se sai, fuge-se. E nós fugimos, a bailar-nos no cérebro a ideia de que já mais os grandes prevaricadores legais viram ou verão aquelas sepulturas de vivos onde, há uma eternidade de 4 meses, se definham tantos seres humanos.

A nós mesmos fizemos esta pergunta: Porque é que esse homem que se diz sentimental e que sobraça duas pastas pesadíssimas—a da presidência do ministério e a que contém os processos volumosos de que depende, talvez, a vida ou a morte daqueles desgraçados—não fará, como nós, uma visita aos calabouços, numa confrontação dos suspeitos depoimentos com o aspecto dos inculpados?

Já na rua, olhámos, retrospectivamente, o largo portão e pareceu-nos ver, sobre ele inscrito, a caracteres vermelhos, a seguinte legenda:—Caverna do Arbitrio.

E ao terminarmos, estas apreciações, como as presos também bradamos:—julguem-nos, provem que são bandidos, gatunos e vadios!

...

...

...

...



# A vida e as obras de Pedro Kropotkine descritas por Adrian del Valle

Para que o seu físico se não abale, faz exercícios diários servindo-se dum pesado banco e caminhando dum ângulo ao outro da cela; e como meio de entretenimento mental, imagina os argumentos, as descrições e ainda os diálogos duma série de novelas de carácter popular que procura reter na memória, pois não lhe é permitido o escrever.

Por esforços do seu irmão Alexandre e solicitação da Academia de Ciências, a poucos meses da sua prisão, o imperador concede-lhe que possa escrever até ao pôr do sol para que complete um informe que devia dirigir à Sociedade Geográfica. Como esse trabalho, especialmente a descrição das suas explorações na Finlândia, devia conter uma exposição de princípios, sobre os quais fazia assentar a hipótese glacial, permitiu-se que a Academia de Ciências lhe facilitasse os livros e mapas de que necessitava. A obra, uma vez terminada, chegou a formar dois grossos volumes.

Terminado o seu labor diário de produção científica, dedicava-se à leitura de história e de novelas, sem descurar o exercício físico.

O que mais o entristecia era o silêncio que reinava em seu redor, pois ainda os carcereiros tinham a instrução de não lhe falar nem responder às suas perguntas. Durante os quinze primeiros meses em vão fez chamadas, golpeando o solo e as paredes para comunicar com os outros presos. Só de tarde em tarde se lhe permitia uma breve entrevista com os seus irmãos Alexandre e Helena, na presença dum oficial da polícia.

Rude golpe moral recebe com a notícia de que seu irmão Alexandre fora preso e deportado para a Sibéria.

No verão de 75 cessa o seu isolamento. Na cela contigua está recluso o seu amigo Serdukhoff e na situação por baixo um campanhão em breve enlouquece. Com ambos estabelece comunicações diárias por meio de cifra.

Certo dia recebe a visita do grão-duque Nicolau, irmão do czar. Afectando interessear-se por ele, busca fazê-lo falar acerca do trabalho dos nílitas, e ao ver que o não conseguia, saiu bruscamente.

A findar o segundo ano do seu cativeiro, a sua saúde resente-se.

Em Abril de 76, tendo terminado a terceira secção do sumário preliminar e passando o processo à autoridade judicial, Kropotkine é transferido, com outros presos, para

o cárcere imediato à Audiência. A um jovem que ocupa a cela imediata à sua, ele conta a história da Comuna de Paris, pelo processo de cifra, gastando nisto uma semana.

Sua saúde decaí duma maneira alarmante. Devido aos esforços de sua irmã Helena é transferido para o hospital militar, situado a um extremo da capital. Já convalescente, permitem-lhe passeios diários pelo pátio e então concebe um plano de evasão ao observar que a porta da rua estava quase sempre aberta, ainda que guardada por sentinelas armadas. Na preparação do plano os seus amigos levaram um mês, fixando por fim o dia 29 de Julho para sua realização. Fora devia estar preparado um trem, durante os momentos que Kropotkine saia a dar o seu costumeado passeio no pátio.

A um sinal convençãodo anunciando que dentro não havia novidade, os de fora respondiam que tudo estava pronto elevando um balãozinho vermelho dos que servem de brincadeira às crianças. Imediatamente se acercaria o trem e uma canção indicaria que a rua estava livre. Porém, a fuga teve que ser suspensa, porque na manhã daquele dia não conseguiram encontrar nos estabelecimentos de brinquedos nem um só balãozinho vermelho.

Propõe-se a evasão por o dia seguinte, combinando-se que o sinal de que a rua estava livre seria uma peça de música tocada em violino na janela de uma casa próxima.

A's quatro horas sai ao pátio e faz um sinal. Nesse momento chega aos seus ouvidos o ruído dum trem e poucos minutos depois as notas de um violino; porém, então, encontrava-se Kropotkine longe da porta, e ao voltar junto desta a sentinela estava tão próxima que teve que resignar-se a dar outra volta. O violino cessou de tocar o que era sinal de perigo. Decorreu um quarto de hora, de cruel ansiedade. Viu entrar uma dezena de carros carregados de lenha que se dirigiram ao outro extremo do pátio. Imediatamente o violino começou a tocar uma excitante mazurka. Kropotkine dirige-se lentamente à parte da vereda mais próxima da porta; uma vez ali, volta a cabeça, e vê a sentinela a seis passos de distância, porém, olhando em sentido contrário. Rápido como um raio, despoja-se da sua bata e empreende carreira veloz. Os camponeses que empilhavam a lenha gritam:

(Continua)

# A-pesar-dos ardis da "Samorense" e das subtilidades do padre Tobias, a escola de Samora Correia tem que construir-se custe o que custar

Tivemos há dias as provas bem frisantes de que a "Samorense" ainda nem pensou, sequer, que lhe assiste o indeclinável dever de construir uma escola em substituição daquela que alagardou debaixo dos muros das suas instalações.

Num "memorandum" da administração, abusando talvez um pouco da sua autoridade, põe à disposição da "Samorense" a praça Elias Garcia, para que se consuma o gravíssimo atentado de arrumar ali uma escola a qualquer custo; porque a câmara deve saber que não pode, de maneira alguma, dispor de uma praça que pertence exclusivamente a uma paróquia, e que é um verdadeiro crime ir obstruir ou desfeitear aquele belo largo com uma construção, seja ela qual for.

Sabemos também que a câmara oficiou, há muito tempo já, ao ministério da instrução (repartição das construções escolares) para que lhe mandem um técnico demarcar o terreno.

E já está aprovada pelas entidades competentes?

Ele até já houve quem lançasse a peregrina ideia de se arrancarem os materiais da antiga escola, para, com eles, se adiantar uma casa que servisse para escola.

"A terra não é de luxos e qualquer coisa lhe serve."

Isso seria o ideal da "Samorense"; mas, como castigo por se ter apropriado, por assim dizer, do que lhe não pertence, achamos que é pouco. Por este processo, qualquer de nós, a quem fizesse estorvo a casa de um visinho, poderia destruí-la, construir outra em qualquer parte e apropriar-se do terreno que nos viesse.

Mas não. Não há de ser tanto assim. Nós estamos de atalaia e não descuraremos o assunto como o tem descurado a "Samorense".

Ou esperarão os moageiros pela derrocada dos seus doirados castelos, pela dissolução da sociedade, pelo "salve-se quem puder" para se rirem depois da ingenuidade do que neles acreditaram, mantendo o capricho de não terem construído a escola?

Talvez. Mas ruído o colosso, lá ficam as esplendidas para uma escola que agora nos negam.

Em vão temos esperado que o sr. Silva Barreto nos explique a razão porque não tem querido dar andamento às justíssimas petições que tem recebido de Samora Correia, mas ele há de quebrar o seu propósito de silêncio e a escola far-se há então.

Sabemos que a Câmara de Benavente, abusando talvez um pouco da sua autoridade, põe à disposição da "Samorense" a praça Elias Garcia, para que se consuma o gravíssimo atentado de arrumar ali uma escola a qualquer custo; porque a câmara deve saber que não pode, de maneira alguma, dispor de uma praça que pertence exclusivamente a uma paróquia, e que é um verdadeiro crime ir obstruir ou desfeitear aquele belo largo com uma construção, seja ela qual for.

Sabemos também que a câmara oficiou, há muito tempo já, ao ministério da instrução (repartição das construções escolares) para que lhe mandem um técnico demarcar o terreno.

E já está aprovada pelas entidades competentes?

Ele até já houve quem lançasse a peregrina ideia de se arrancarem os materiais da antiga escola, para, com eles, se adiantar uma casa que servisse para escola.

"A terra não é de luxos e qualquer coisa lhe serve."

Isso seria o ideal da "Samorense"; mas, como castigo por se ter apropriado, por assim dizer, do que lhe não pertence, achamos que é pouco. Por este processo, qualquer de nós, a quem fizesse estorvo a casa de um visinho, poderia destruí-la, construir outra em qualquer parte e apropriar-se do terreno que nos viesse.

Mas não. Não há de ser tanto assim. Nós estamos de atalaia e não descuraremos o assunto como o tem descurado a "Samorense".

Ou esperarão os moageiros pela derrocada dos seus doirados castelos, pela dissolução da sociedade, pelo "salve-se quem puder" para se rirem depois da ingenuidade do que neles acreditaram, mantendo o capricho de não terem construído a escola?

Talvez. Mas ruído o colosso, lá ficam as esplendidas para uma escola que agora nos negam.

Serra FRAZÃO

# TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

## Reclames

Vai crescendo, dia a dia, o êxito da nova revista do Eden Teatro, que todas as noites, em duas sessões, provoca as maiores enchentes. "Frei Tomás" ou "O Mistério da rua Sarai de Carvalho", de Esculápio e Carlos Ferreira.

## Sociedades de recreio

Grupo Dramático "Solidariedade Operária".—Convidam-se todos os amadores, que queiram assistir à distribuição de papéis para novas peças, a reunirem-se hoje às 21 horas.

## A sair por estes dias a 8.ª SERIE DE OS MISTÉRIOS DO POVO

Interessante romance histórico profusamente ilustrado desde as primeiras idades do homem até à revolução Francesa.

Assinatura: pelo correio cada série de 10 tomos com cerca de 320 páginas 6500.

A obra mais barata que no género se publica

## IMPRENSA

Aurora Editado pelo Comité Regional da Federação Anarquista da Região do Sul começará em breve a publicar-se, no Cereal do Alentejo, um mensário sob o título de "Aurora".

## TIVOLI

TEL. N. 3074

A comédia sentimental em 5 actos

## A PORTA FECHADA

Por FRANK MAYO

## OS PESCADORES DE CAP COD

Adaptação cinematográfica do romance de Sarah M. Leu Green.—Cenas da vida dos pescadores da Nova Inglaterra.—Naufrágios.—Heroísmo e abnegação dos humildes balcões.

Magnífica interpretação de

FRANK BEARD

Frank Keenan e Robert Fraser

UMA CINÉ-COMÉDIA

Uma revista cinematográfica

AMANHÃ—Matinée às 3 horas

# Prosseguiu ontem a especulação política na Sala do Risco

Prosseguiu ontem o julgamento dos imputados no 18 de Abril.

Ao meio dia em ponto entra na sala da audiência o general presidente, a quem a força da G. N. R., do comando do sr. tenente Guerra presta as usuais honras. O dr. sr. Almeida Ribeiro superintende na distribuição dos passes. O secretário faz a chamada dos réus, tendo faltado todos os réus, sargentos músicos do Batalhão de Caminhos de Ferro, que segundo consta foram tocar a uma festa a Mafra. O presidente, o juiz auditor e o promotor de justiça, depois de uma rápida conferência, deliberam que o julgamento prossiga. Faz-se depois a chamada das testemunhas de acusação tendo faltado algumas praças de pré.

\*\*\*

O sr. Tamagnini Barbosa invoca o testemunho do presidente do tribunal e dos membros do júri para que se possa acentuar que a defesa não tem exorbitado das suas atribuições, ao contrário do que alguns jornais têm publicado. O sr. Cunha Leal diz fazer suas palavras do sr. Tamagnini Barbosa, achando que não vale a pena ligar-se importância ao facto. O promotor diz ter lido ontem num jornal da noite uma notícia que lhe diz respeito, classificando-a de devolutivamente desprimosa para o tribunal. O presidente diz não obedecer a coacções ou sugestões sejam de quem for, venham de onde vierem, obedecendo simplesmente à sua consciência e ao dever militar.

\*\*\*

A primeira testemunha é o capitão-médico Alfredo Barbieri Baptista Cardoso, que diz não se recordar bem dos factos já passados há quatro meses, e, tendo dado a sua palavra de honra que dizia a verdade, recusa que a sua falta de memória o possa ataralhar.

O promotor vai lendo o depoimento que a testemunha confirma, nada adiantando.

O promotor:—Mas o sr. capitão-médico foi convidado a acompanhar o grupo?

—Efectivamente, alguém no escuro da noite me convidou, mas eu não fui.

—Ah! não foi.

—Não fui, e hoje não sei se como médico deveria ter ido para prestar os meus serviços clínicos.

—E eu, diz o promotor, não me admiraria e nem por esse facto o julgaria culpado. Os médicos são neutros.

O sr. Cunha Leal insta por sua vez. A testemunha cautelosamente entristece-se no não me recordo ou não me lembro e nada diz de novo ou de interessante.

\*\*\*

Segunda testemunha. Primeiro sargento do grupo a cavalo Carlos Henriques de Sousa. Declara não ter acusações a fazer. Relata que foi acordado pelo sargento Cosmelli na madrugada do dia 18 que lhe disse vir o grupo para Lisboa, para um movimento revolucionário, tendo o depoente

pretendido convencê-lo a não cooperar nesse movimento. Ofereceu-se ao sr. tenente-coronel Malheiro para o acompanhar, oferta que não foi aceite.

Depois a seguir o 2.º sargento Cosmelli, também do grupo a cavalo. Estava de pernoite. A meia noite o sr. tenente Botelho Moniz convidou-o a entrar na revolução, ao que o depoente não acedeu, dizendo-lhe contudo que só lhe daria resposta definitiva depois de falar com o seu primeiro sargento. Como este o aconselhasse a não cooperar no movimento assim procedeu.

O tenente Marcelino Coelho, de infantaria 1, diz que depois da revolta foi encarregado pelo seu comandante de ir prender um oficial revolucionário, que se tinha refugiado num 4.º andar de um prédio perto do quartel. Prendeu o tenente Quedes da Silveira, que era o oficial visado, e acompanhou-o sob prisão a infantaria 2. Nada mais sabe.

\*\*\*

O capitão Silva Fernandes na ocasião do movimento comandava a companhia da G. N. R. da Ajuda. Cerca do meio dia foi procurado pelo tenente Deslandes, de cavalaria 2, que ia ali combinar a forma de se defenderem aqueles quartéis de um anunciado ataque de civis. Sobre o mesmo assunto foi depois o depoente conferenciado com o B. T. C. com o major Catarino de Lima, tendo voltado para o seu quartel. Recebeu ordem de obrigar os telegrafistas de campanha a pôrem em liberdade as viaturas conduzindo o rancho das praças de artilharia 3 que estavam em Monsanto. Ponderou, a quem de direito, a pequena força de que dispunha para atacar os telegrafistas, tendo nessa ocasião sabido que as viaturas já tinham saído. Mais tarde recebeu ordem de ir ali prender os oficiais que se encontravam no aquartelamento, o que fez, tendo-lhe todos entregue o armamento que possuíam, sem resistência.

O capitão sr. Jacome de Castro diz que só o que sabe é que houve um movimento revolucionário e de qual os acusados já assumiram inteira responsabilidade. A sua missão foi a de ocupar o quartel dos telegrafistas. Cumpriu o resto as ordens legais. Por ter ouvido dizer, sabe que foi um graduado que ordenou a apreensão das viaturas com o rancho de artilharia 3.

\*\*\*

Outra testemunha: Alvaro António Boto Machado, capitão de engenharia, da companhia de sapadores de praça, onde se foi entregar a companhia de telegrafistas de praça, sob o comando do capitão Araújo Pereira. Prendeu todos estes revolucionários, fê-los desarmar e tratou-os muito bem, sem que essa atitude queira ou quizesse manifestar concordância com o movimento.

O tenente de infantaria Espírito Santo fazia serviço na companhia de sapadores de praça, relatando a cerimónia da entrega dos telegrafistas, na manhã de 19, naquele quartel, factos já relatados pela testemunha anterior.

# A BATALHA NA PROVINCIA E ARREDORES

## Quarteira

### Um farrapo humano

QUARTEIRA, 10.—Helena Cava, é uma pobre demente, orfã de pai, que vive de algumas esmolas que lhe dão por reconhecerem que sua mãe Adelaide Cava, não tem meios de a sustentar.

Há dias, vindo a infeliz demente próximo à "Fonte Santa", encontrou-se com um indivíduo de nome José Gaudalha, que a aproveitou a passagem por um sítio completamente deserto, violentou a pobre louca.

Este repugnante crime de estupro, conseguiu por alguns dias passar por desconhecido, visto a pobre louca não ter a noção do que lhe tinha acontecido.

Porém o Gaudalha ao desflorá-la, cometeu um duplo crime; porquanto estava atacado de venéreo de toda a qualidade que contaminou a demente.

E tão grave isso é, que os médicos não dão a certeza de a salvar.

## Governando a vida...

Ultimamente vários operários de Loulé têm procurado para nos darem conhecimento de verdadeiras canchales e falcatruas que ali se estão constantemente a cometer.

De todas essas vezes nos temos negado a enviar informações para a Batalha por sabermos que em Loulé também existe um correspondente. Porém, desta vez não podemos resistir a esses pedidos e resolvemos escrever, por se tratar dum acto que não pode ficar no escuro, jámais quando o indivíduo que o cometeu, quando foi da nossa prisão, fez constar que estavam presos por motivos idênticos.

Trata-se do nacionalista Sebastião da Costa, o marceneiro, que mais se salientou nos acontecimentos do comício contra a guerra. Agora, descobriu-se a razão porque ele se insurge contra os operários, razão essa que é o de ter pretendido passar no banco uma letra falsa tendo por esse motivo recebido ordem de prisão.

## Falta de luz e de limpeza

Quarteira é uma das localidades onde o desleixo camarário e da junta de freguesia mais se faz sentir.

Não há luz. A câmara Iouletana, segundo nos consta, contribui com uma pequena verba para petróleo. Porém, a junta de freguesia entende que aqui não se precisa luz e não acende os candieiros. E desta forma o pacato cidadão, que é descurado e recolha mais tarde a casa, arrisca-se a ser vítima de alguma emboscada, o que para isso muito contribui os próprios caminhos e ruas. E já que destas falhas, não será também de mais fazer salientarmos o péssimo estado em que elas se encontram. Ruas, verdadeiramente ditas, não existem. O que há, aqui, são puros areais. Esta circunstância permite, até certo ponto, ao povo fazer o despejo dos dejectos que se vão envolver no pó das estradas e das ruas, e isto porque também não existe forma alguma de limpeza posta em prática pela câmara ou pela junta.

Há tempos foram mortos aqui alguns cães, e por falta de melhor, levaram-nos para os pinheiros da estrada. Pois, era tal a putrefacção dos cadáveres, que toda a gente que por ali passava se sentia seriamente incomodada de saúde.

Há uma semana, andou em serviço uma carroça que, não se sabe porque, nunca mais apareceu.—C.

## Carvalhinho

### Uma iniciativa útil

CARVALHINHO, 14.—Carvalhinho é uma povoação pequenina que dista da Moita do Ribatejo um quilómetro. É um lugar muito aprazível e saudável, circundado por vários casais.

De há muito que aqui era esperada a constituição de uma escola oficial para que a população podesse enviar seus filhos a receber a instrução tão necessária ao progresso e ao desenvolvimento intelectual.

Como oficialmente nunca podesse conseguir tão ambiciosa casa de instrução, resolveu a população desta pequena região, levar a efeito a constituição de uma escola para que seus filhos não fôsem cerciados daquilo a que noutros tempos só aos ricos era permitido. Assim a comissão organizadora da qual fazia parte Manuel Rodrigues Garanhão, já falecido, meteram mãos a obra e hoje o povo do Carvalhinho vê com satisfação, e para o qual contribuiu com a sua cota parte, uma escola, onde actualmente recebem instrução cerca de cinquenta alunos, adultos e crianças.

A instrução é ministrada por vários rapazes habilitados, que após um dia de trabalho sacrificam umas horas durante a noite a ministrarem a instrução a todos aqueles que de facto se queiram instruir.

Pretende a comissão organizadora da Escola em quem a população deposita toda a confiança, conseguir a vinda aqui todos os dias de um professor para durante o dia ministrar a instrução às crianças, continuando os mesmos rapazes a ministrá-la aos adultos.

No domingo à noite houve sessão solene, sendo inaugurado o retrato de Manuel Rodrigues Garanhão que, além de ser um camarada dotado das mais belas qualidades de carácter, foi também um trabalhador incansável para que a população do Carvalhinho conseguisse a sua Escola.

Fizeram uso da palavra José Graúdo, Baptista Gonçalves, Vitor Manuel, Francisco Graúdo e Manuel R. David, tendo todos produzido palavras enaltecedoras as belas qualidades de carácter de Manuel Rodrigues Garanhão e a sua obra levada a efeito com a cooperação do povo desta localidade, incitando todos os presentes a seguirem o seu nobre exemplo.—E.

## Edições SPARTACUS

O Amor e a Vida (contos), por Campos Lima. Preço 5500.

A Crise Económica, seus aspectos essenciais, pelo engenheiro João Perpétuo da Cruz. Preço, 2550.

Três aspectos da Revolução Russa, por Emile Vandervelde. Preço 5500.

A Revolução em Portugal, comunista? socialista? libertária? sindicalista? Coligação das esquerdas—A transformação da República, por Campos Lima. Preço 6500.

A vida em todas as literaturas e na administração de A Batalha.—(Desconto aos revendedores).

Francês sem mestre por GONÇALVES PEREIRA

1 volume de 400 páginas 15500

Pelo correio 16550.

Pedidos à administração de "A Batalha"

## Em Cascais

O chelo da estação abusa da paciência do público e da situação dos seus subordinados

CASCAIS, 14.—Encontra-se há pouco tempo dirigindo, como chefe, a estação desta vila, o factor Vieira, que vindo da C. P., onde esteve muitos anos, ali se tornou conhecido pela sua forma autoritária e despotica de tratar tanto os seus subordinados como o público. Foi ele o autor daquela "gracinha" de encostar carruagens desengatadas à cauda do comboio, originando assim demoras e prejuízos aos passageiros, caso a que A Batalha há dias se referiu.

Agora há melhor: Esse senhor factor, num abuso inqualificável, obriga os pobres carregadores em serviço na estação a desempenharem funções de criado. De manhã, acompanham a senhora do patrão factor à praça e, regateia aqui, compra acolá, o fiel laço lá vai, esperando pacientemente que o mandem recolher as compras ao cesto e carregar com ele para casa. Outras vezes têm os carregadores que fazer de lavadeiras, estendendo ou recolhendo a roupa do senhor factor.

Enfim, pior do que criadas!

Ora, como toda a gente repara nestes casos e achinha os pobres homens, estes são forçados a calar e consentir para não perderem o pão.

Desconhecerá a Sociedade Estoril as proezas do sr. factor Vieira?

Aqui lhas expomos e oxalá que surjam providências que evitem que um homem, lá porque tem a função de dirigir serviços profissionais, arme em tirano, ofendendo o brio e a dignidade dos que têm a infelicidade de ser seus dirigidos.—C.

## O PERIGO DOS TOUROS BRAVOS

CASCAIS, 14.—No passado domingo atravessaram as principais ruas desta vila em direcção à Praça de Touros, algumas rézes bravas. Como é de calcular a segurança e a própria vida dos habitantes esteve em sério risco; pela complacência do delegado do governo que, falta de energia, costume, nestes casos, fechar os olhos. Bom será, porém, que tal abuso se não repita, pois não teremos prazer algum em imputar a responsabilidade de qualquer lamentável desastre ao delegado do governo.—C.

## TEATRO APOLO

Empresaria Luis Ruas, Limitada

HOJE, 16

o sensacional drama

## O Conde de Monte Cristo

Nos principais papeis: Ilda Stichini e Rafael Marques

## AGREMIações VARIAS

O Porvir da Família Telegrafo-Postal.—Na assembleia geral ontem realizada foram aprovados os estatutos com bastantes alterações, sendo no final exarado na acta uma saudação ao pessoal telegrafo-postal, sem distinção de classes.

Associação de Instrução às classes trabalhadoras

Ficaram aprovados oito alunos nos exames de 4.ª para 5.ª classe, dois no de admissão à Escola Industrial Fonseca Benevides, e dois no da Escola Industrial Machado de Castro.

Na sede desta Associação, rua das Trinas do Mocambo, 55, encontra-se aberta a matrícula para todos os indivíduos que desejem frequentar a aula de Instrução Primária.

Quaisquer esclarecimentos serão dados os dias úteis das 20 às 21 horas na secretaria da mesma Associação.

ASSINEM Os mistérios do Povo

## PROPAGANDA SINDICAL

## Uma importante sessão na sede dos Soldadores de Olhão

OLHÃO, 10.—Realizou-se em 8 do corrente uma bela sessão de propaganda sindical, no Sindicato dos Soldadores, com a presença de delegados da U. S. O. local, Federação da Indústria de Conservas, sindicatos de Lagos, Portimão e Vila Real de Santo António.

Aberta a sessão por Luis Canoa, é dada a palavra ao secretário geral do sindicato que expõe os fins da sessão, pedindo que tomem em atenção as palavras dos oradores que se lhe hão-de seguir.

Alvaro Gouveia, secretário geral da U. S. O., aconselha os soldados a que sejam persistentes a fim de recuperarem o perdido. O delegado de Portimão expreia-se em assuntos da especialidade, abordando a vida do sindicato da sua localidade, fazendo um confronto com o desta. O delegado de Vila Real de Santo António faz considerações acerca do último movimento dos soldados desta localidade, lastimando que a classe não se soubesse conduzir galhardamente, para que triunfasse, mas, no entanto, não era motivo para desânimos.

Brás, dos soldados de Lagos, alude, duma forma geral, às diversas lutas da classe e valor destas e faz ainda várias considerações sobre o papel que a sua classe terá de desempenhar na sociedade futura. Januário Sabino, delegado da Federação, refere-se largamente ao valor da organização sindical e combate o preconceito, apelando para a consciência e solidariedade da classe dos soldados.—C.

## Suplemento semanal ilustrado de "A Batalha"

Encontra-se já à venda o primeiro ano deste interessante semanário, devidamente encadernado, numa óptima capa em percalina ilustrada a cores, por Almondo, contendo um indispensável índice dos variados assuntos de ordem doutrinária, literária e artística.

O seu preço é: 1 volume com 420 páginas, 45\$000.

Encadernação (por capas e índice), 20\$000.

Pedidos de colecções, ou envio destas para encadernação, à administração de A Batalha.

## OS QUE MORREM

FUNERAIS

Realizou-se ontem o enterramento de Maria Isabel Lopes, irmã de David Lopes, servente de pedreiro e membro da comissão administrativa da secção profissional do respectivo sindicato.

O préstito fúnebre, que saiu do hospital de São José, foi bastante concorrido, tendo-se organizado durante o percurso vários turnos.

Fizeram-se representar a Associação dos Estivadores de Lisboa e a secção profissional dos serventes do S. U. C. Civil.

"A BATALHA" No Funchal vende-se no Bureau de La Presse.

## HORARIO DE TRABALHO

As disposições legais

A secção editorial de A Batalha acaba de editar, em folheto, o decreto 5516, de 7 de Maio de 1919 e respectivo regulamento publicado no Diário do Governo de 20 de Maio sobre o horário de trabalho, sendo o seu preço avulso de 550.

Aos sindicatos que desejem adquirir quantidade far-se-há um abatimento de 50 por cento em pacotes de 50 folhetos.

Pedidos à administração de A BA-

## A educação moral da criança na família

Por Benoit Bouché.—Tradução de Emílio Costa.—Livro premiado em concurso na Bélgica, pela sua importância social.—Um verdadeiro Manual de Educação, que todos os pais, tutores, professores e pais devem possuir para saberem conduzir a educação das crianças.—Preço 5500, pelo cor. 5550. Não venda nas livrarias.—Pedidos à livraria Renascença, de J. Cardoso, r. Poais de S. Bento, 27-29—Lisboa

## EDEN THEATRO

HOJE—às 5 3/4 e 10 3/4—DUAS



# Defende-se uma população de 40.000 almas da vaidade perigosa dum homem

LEIXÕES, 13.—Não voltaríamos a falar dos serviços de incêndio nesta vila se não fôsemos a isso levados pela «mordida» do último número de *O Monitor*. Temos a impressão de que a corporação dos Voluntários daqui vai suceder o mesmo que a sua congênera do Porto, dividida pelas poltiguês de um senhor comandante que foi visto um dia beijando a bandeira azul e branca no próprio gabinete do comando, e não queremos contribuir para apressar essa prejudicial desinteligência, entre os seus membros. Vemos, porém, que o referido jornalco está empenhado em malquistar *A Batalha* com a corporação dos Voluntários e isso nos leva a vir aqui afirmar uma vez ainda que todo o nosso ataque tem sido dirigido, desde o começo desta questão, directamente à cabeça (?) da referida Associação onde julgamos estar o «gato».

Para os homens que militam nos ideais da emancipação da Humanidade, são as Associações de Bombeiros as instituições mais simpáticas da actual sociedade. De facto elas provam aqueles que a cada passo nos dizem que, na sociedade futura, não havendo obrigação de trabalhar, ninguém fará os serviços mais difíceis, mais anti-higiénicos ou mais perigosos, essas sociedades, diziamos, são prova de que tal não sucederá! Pois quem obriga os Voluntários a lançar-se através de chamas, sob o perigo de morrerem esmagados por qualquer desmoronamento, ou intoxicados pela fumaça, quem os obriga a prestar tão heróicos serviços, senão o seu desejo de bem fazer, sem outro interesse que não seja o orgulho de salvar o maior número possível de vidas? Podemos pois consentir que o militarismo, o reacionarismo e a politização mais abjecta se ponham à frente destas tão úteis sociedades, sem que o nosso vemente protesto se faça sentir? Podemos nós consentir que a corporação dos Voluntários daqui, cujos serviços pela causa da Humanidade são tão justamente apreciados, continuem sendo dirigida (?) por um homem que é mais pronto em a levar às procissões do que aos locais onde possa prestar os seus valiosos serviços? É justo que nos calemos depois de termos escrito com todas as letras um jornal da vila que o senhor comandante «conseguiu» que os Voluntários do Porto aqui não venham sem que sejam chamados? Quem se lembraria de tal ideia senão um autêntico «poço de vaidades»? Que seria das cidades e vilas populosas onde os serviços de salvação pública fossem prestados por conta-gotas como pretende este senhor comandante?

Se a corporação tivesse numeroso material e numerosos bombeiros, ainda se admitia, mas se é verdade que tal não acontece e a área a defender é enorme, como admitir uma medida tão estúpida que revela a maior das incompetências?

Desagrada-nos profundamente recorrer ao ataque pessoal quando temos de fazer as nossas notas para *A Batalha*.

Há porém casos, como este da campanha de *O Monitor* em favor do seu correligionário, o sr. comandante, que têm de ser tratados por aquele sistema, tanto mais que representando (?) o sr. comandante, em tudo e por tudo, a Associação dos Bombeiros Voluntários, contra ele temos de dirigir o nosso ataque, crentes de que o mal está só nesse senhor, com plenos poderes para fazer quanto aiseira lhe dê na real gana...

A disciplina que obrigou alguns dos membros da Associação dos Voluntários a procurar em sua casa o sr. comandante, a demonstrar-lhe o quanto sentiam ver atacar, injustamente, quem tantos serviços vem prestando à corporação a que pertencem, essa disciplina, diziamos, pode ser muito para louvar pelos elementos talassos do *Monitor*, mas para aqueles que se julgam homens livres e que sabem ver as coisas com olhos de ver, essa manifestação não representa mais do que uma grande falta de respeito pela vida dos 40.000 habitantes desta região, que assim vêm colocar a sua segurança pessoal muito abaixo da vaidade de um homem que, por ter uma grande colecção de medalhas, não tem o direito de menosprezar as vidas que, pode dizer-se, estão à sua mercê. A parte mais sã, pode dizer-se mesmo que a maioria dos autênticos bombeiros de Leixões está conosco. Isso nos anima a verberar aqui a atitude daqueles que, não sabendo defender o seu carácter de homens livres, se prestaram a ir junto do homem que está a dar tão má

## MARCO POSTAL

New-Bedford U. S. A. — M. B. Pila. — Recebemos e agradecemos os novos assinantes para a «Renovação», bem como o cheque para pagamento.

Souzel. — J. Parrula. — Recebemos liquidação de Agosto. Segue por estes dias a 8.ª série dos Mistérios do Povo.

### Aos nossos correspondentes e informadores

A fim de facilitar o serviço de redacção, convém que todos os nossos correspondentes, informadores, sindicatos, etc., aos dirigirem-nos os seus escritos atendam as normas seguintes:

- Escrever dum só lado do papel;
- Não fazer uso de tinta vermelha;
- Deixar, entre as linhas escritas, espaço suficiente para qualquer emenda;
- Expôr com clareza os assuntos que se propõem tratar, deixando para a redacção os comentários que julgarmos convenientes.

— Aos comunicados dos sindicatos que não venham carimbados, às (notícias dos correspondentes, queixas ou reclamações de particulares não assinadas, não se lhes dará publicidade. A redacção guardará o sigilo de nomes.

### Agenda de A BATALHA

#### CALENDARIO DE SETEMBRO

S.	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30
D.	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30

HOJE É SÓL

Aparece às 6,19  
Desaparece às 13,44

#### FASES DA LUN

T.	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30
L.	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30

MARES DE HOJE

Praia-mar às 2,00 e às 2,17  
Baixamar às 7,30 e às 7,47

#### CAMBIO

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque	95\$00	96\$00
Madrid, cheque	2886	
Paris, cheque	933	
Suiza, cheque	3884	
Bruxelas, cheque	888	
New-York, cheque	19385	
Amsterdão, cheque	8504	
Itália, cheque	833	
Brasil, cheque	2567	
Praga, cheque	559	
Suécia, cheque	5334	
Austria, cheque	2581	
Berlim, cheque	4574	

#### ESPECTACULOS

##### THEATROS

Politeama — A's 21,30 — O Leão da Estrela.  
Apollo — A's 21,30 — O Conde de Monte Cristo.  
Gén — A's 20,45 e 22,45 — Frei Tomaz ou o Mistério da rua Saravia de Carvalho.  
Mário Vitoria — A's 20,30 e 22,30 — «Batallas».  
Casino de Sintra — A's 21,30 — Concerto pelo tenor Lapetierre.  
Juvenia — A's 21,30 — «Almô» e «A Cidade».  
Il Vicente (da Graça) — A's 20 — Animatógrafo.  
Versões — Porque — Todas as noites — Concertos e lições.

##### CINEMAS

Olimpia — Chido Terras — Salão Central — Cinema Condes — Salão Ideal — Salão Lisboa — Sociedade Pro-motora de Educação Popular — Cine Paris — Cine Es-perança — Chantier — Ivola — Tortoise.

## FATOS COMPLETOS E SOBRETUDOS

em boas fazendas de 11 com bons forros desde 159\$00

IMPRENTAS INGLESES com tinta e rapuz, desde 169\$00

CAPAS ALENTEJANAS desde 199\$00

CALÇAS desde 40\$00

ABATIMENTOS PARA REVENDA

## O CHAVES DO CONDE BARÃO

170, Rua da Boavista, 172

## CONSELHO TECNICO DA CONSTRUÇÃO CIVIL

Encarrega-se da execução de todos os trabalhos que digam respeito à sua industria, tais como: edificações, reparações, limpeza, construção de fornos em todos os géneros, jazigos em todos os géneros, fogões de sala, xadrezes, frentes para estabelecimentos e todos os trabalhos em cantarias e mármore de todas as proveniências.

Telefone — 539 Trindade

Escritório: Calçada do Combro, 38-A, 2.º

## FABRICA GOARMON & C.ª

deladinhos, mosaicos, azulejos, cimento

Travessa do Corpo Santo, 17 a 19

— TELEF. C. 1244 — LISBOA —

Caixa de Auxilio aos Operários das Fábricas de H. Parry & Son, Limitada

LISBOA — DOCA — GINJAL

2.ª e última convocação

Por officio que me foi enviado pelo socio e camarada Presidente da Direcção, com data de 5 do corrente, convoco a Assembléa Geral para o dia 17, pelas 12,30 horas, na sede da Caixa, no edificio da Fábrica em Lisboa.

ORDEN DOS TRABALHOS

- 1.ª — Discussão por todo o disposto do § 5.º, do art. 33.º dos estatutos (fundo de reserva).
- 2.ª — Qualquer assumto referente a beneficiar a Caixa de Auxilio.
- 3.ª — Aos socios auxiliares — leitura de todos os documentos e avisos affixados nos lugares do construo desde 27 de maio p. p. E' de subida necessidade não faltar a esta assembléa.

Lisboa, 12 de setembro de 1923. O Presidente da Mesa da Assembléa Geral, Manuel Maria de Pinho.

## Pedras para isqueiros

METAL «AUER», as melhores do mundo. Um milheiro, 25\$11. Por quilos, grandes descontos. Isqueiros AUSTRIA e PORTUGAL, tubo largo, 50, boa modelagem, dura 2207, tubos fechados e abertos, tampões, bicos, molas, rodas ócas e missões. Pedidos ao unico representante em Portugal: E. ESPINOSA, FILHO, Rua André, 66, 2.ª — LISBOA.

## PEDRAS PARA ISQUEIROS

Metal Auer, assim como todas ócas e missões, tubos, molas, chaminés de 2 e 3 peças, lampões. Vendem-se no Largo Conde Barão, n.º 55 e quiosque. Dirigidos por Francisco Parra e Lata. E' a casa que fornece as melhores ócas e missões.

## LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 15 desta revista intitulada «Náufragos», de Adrián del Valle. Preço, \$50.— Pedidos à administração de A Batalha.

## CONSTRUÇÃO CIVIL

Descrição de ferramentas, Estudo de sabiagens, máquinas, aplicação das madeiras nas construções civis, vigamento de sobrados, madeiramento dos telhados, cálculos, construção ligeiras de madeira, portas, janelas, escadas, lambris, etc., por JOÃO EMILIO DOS SANTOS SEGURADO.

1 volume de 230 páginas, encadernado em percalina. .... 13\$00

## Trabalhos de Carpintaria Civil

Descrição de ferramentas, Estudo de sabiagens, máquinas, aplicação das madeiras nas construções civis, vigamento de sobrados, madeiramento dos telhados, cálculos, construção ligeiras de madeira, portas, janelas, escadas, lambris, etc., por JOÃO EMILIO DOS SANTOS SEGURADO.

1 volume de 385 páginas, encadernado em percalina. .... 16\$00

## Diversas indústrias

Condutores de Máquinas

Descrição dos diferentes tipos de máquinas e de caldeiras de vapor; seu funcionamento; regras gerais para a sua condução e conservação; turbinas; sua classificação e descrição, etc., por CARLOS PEDRO DA SILVA.

1 volume de cerca de 400 páginas, encadernado em percalina. .... 20\$00

Fogoeiro

Generalidades; noções gerais; combustíveis; caldeiras de vapor; superfície de aquecimento; depósitos de água, de vapor e tubos condutores; caldeiras gás-tubulares terrestres em arítmicas, de fornala exterior e interiores; caldeiras aquitubulares de circulação limitada, livre, acelerada e ligeiras; acessórios de superfície de aquecimento, dos depósitos de água e de vapor e aparelhos auxiliares; combustão de líquidos de gases e de carvão pulverizado; bombas e injetores; locomotivas; condução, conservação, acidentes e avarias nas caldeiras, etc., por ANTONIO MENDES BARATA e RAUL BOAVENTURA REAL.

1 volume de 384 páginas, encadernado em percalina. .... 16\$00

Formador e estuador

Formação e fundição em gesso; endurecimento e bronzeamento do gesso; Material, ferramentas e utensílios para o trabalho em estuque; estufe e escalo; decorações de estuque; fabrico de massas plásticas, por JOSEF FULLER.

1 volume de 196 páginas, encadernado em percalina. .... 12\$00

Fundidor

Descrição e classificação do ferro, sua fusão e maneira de vasar. Materiais para a moldação, preparação e mão de obra. Diferentes processos de moldar. Fornos diversos, sua construção e maneira de funcionar. Regras e conselhos para se poder evitar imperfeições na fundição. Ligas metálicas. Cálculo e superfícies e volumes. Cálculos do peso etc., por HENRIQUE FRANCISCO DA SILVA.

1 volume de 232 páginas, encadernado em percalina. .... 13\$00

Pilagem

Navegação costeira. Navegação estimada. Navegação astronómica. Cosmografia. Navegação astronómica. Regulação e reitificação de instrumentos náuticos. Reconhecimento hidrográfico, etc., por GUILHERME IVENS FERRAZ.

1 volume de 360 páginas, encadernado em percalina. .... 16\$00

## Indústria alimentar

Trigo, moagem do trigo; panificação. Diversas espécies de pão. Fabrico de massas, alfarrias, bolachas, etc., por PEDRO PROSTES.

1 volume de 190 páginas, encadernado em percalina. .... 12\$00

## Indústria do vidro

Generalidades, claria, potes, flutadores; mergulhadores, fornos e preparação de matérias primas. Manipulação do vidro e fabricação do vidro fino. Acabamentos e ornamentação. Vidraça e fabricação de grandes chapas de vidro. Diversas qualidades de vidro, Vetros e objectos de fabrico especial, etc., por JOSE MARIA DE CAMPOS MELO.

1 volume de 232 páginas, encadernado em percalina. .... 12\$00

## Serviço de livreria de A BATALHA

### FOLHETOS

Eliu Redus — Anarquia e a igreja  
Gonçalves Correia — A Felicidade de todos os seres na Sociedade Futura.  
José Prat — A burguezia e o proletariado.  
A necessidade da Associação...  
Content — Contra o confusãoismo.  
Alfredo Neves Dias — Razão (poema social).  
Landauer — Social Democracia...  
R. Melo — O principio do fim...  
A maçonaria e o proletariado...  
J. Most — Peste religiosa...  
J. Rio  
Trovas da noite...  
Definições sociais...  
Contos dum revoltado...  
Roberto o Pescador...  
Carnet de Pensamento...  
J. Bakunine — No sentido em que somos anarquista...  
Chueca — Como não ser anarquista.  
B. Lazare — A Liberdade...  
J. Etrevant — A minha defesa...  
Kropotkine  
A mocidade...  
Os bastidores da guerra...  
Definições sociais...  
Moral anarquista...  
O espirito revolucionário...  
J. Guedes — Lei dos Salários...  
Briand — A greve geral...  
Roland — Rússia Nova...  
O sindicalismo e os intelectuais  
D. Garvalho — A gestão sindical no periodo revolucionário...  
A. Hamon — A crise do socialismo...  
J. Santos — A transformação da sociedade...  
Neno Vasco  
Georgicas...  
Greve de inquilinos, teatro...  
Domela — Patria e Humanidade...  
G. Archinto — A Revolução e o Sindicalismo...  
Carlos Rates — A ditadura do proletariado...  
Emilio Chapelier — Porque não creio em Deus...  
N. Lenine — A luta pelo pão...  
Rodolfo Rocker — O sindicalismo revol. e a organização operária  
Trostki — Constituição politica da República dos Sovietes...  
G. Williams — O Congresso da Internacional Sindical Vermelha  
C. de G. O. N. M. — Procriação consciente...  
José Torralva — La Revolucion...  
Lello O. Zeno — Problemas universitários...  
La Revista Blanca — Arte, Sciéncia e Literatura. Cada número... 2\$00

## CLINICA DO CHIADO

RUA GARRETT, 74, 1.º

TELEFONE C. 4136

## Doenças venéreas

Para as classes pobres. Das 12 às 14 h.

## Renovação

Revista grafica

A 1 e 15 de cada mês

Preço ex. 1\$50

## Biblioteca de Instrução Profissional

### Manuais de officios

#### Construção Civil

Materiais de construção

Considerações gerais. Pedras de construção, aviaamentos, cal, areias, pozolanas, gessos e produtos cerâmicos, madeiras para construções, ferro, metais e substâncias diversas, etc., por JOÃO EMILIO DOS SANTOS SEGURADO.

1 volume de 440 páginas, encadernado em percalina. .... 20\$00

Terraplenagens e alieceres

Estudo sobre terraplenagens, isto é, sobre os movimentos da terra, escavações, aterros, transporte, preços, Reconhecimentos de terreno por meio de pesquisas e sondagens, diversos sistemas de fundações, Drenagens, Descrição geral dos andaimes e escombramentos empregados nas construções. Elementos orgâmentais, por JOÃO EMILIO DOS SANTOS SEGURADO.

1 volume de 230 páginas, encadernado em percalina. .... 13\$00

Trabalhos de Carpintaria Civil

Descrição de ferramentas, Estudo de sabiagens, máquinas, aplicação das madeiras nas construções civis, vigamento de sobrados, madeiramento dos telhados, cálculos, construção ligeiras de madeira, portas, janelas, escadas, lambris, etc., por JOÃO EMILIO DOS SANTOS SEGURADO.

1 volume de 385 páginas, encadernado em percalina. .... 16\$00

## Diversas indústrias

Condutores de Máquinas

Descrição dos diferentes tipos de máquinas e de caldeiras de vapor; seu funcionamento; regras gerais para a sua condução e conservação; turbinas; sua classificação e descrição, etc., por CARLOS PEDRO DA SILVA.

1 volume de cerca de 400 páginas, encadernado em percalina. .... 20\$00

Fogoeiro

Generalidades; noções gerais; combustíveis; caldeiras de vapor; superfície de aquecimento; depósitos de água, de vapor e tubos condutores; caldeiras gás-tubulares terrestres em arítmicas, de fornala exterior e interiores; caldeiras aquitubulares de circulação limitada, livre, acelerada e ligeiras; acessórios de superfície de aquecimento, dos depósitos de água e de vapor e aparelhos auxiliares; combustão de líquidos de gases e de carvão pulverizado; bombas e injetores; locomotivas; condução, conservação, acidentes e avarias nas caldeiras, etc., por ANTONIO MENDES BARATA e RAUL BOAVENTURA REAL.

1 volume de 384 páginas, encadernado em percalina. .... 16\$00

Formador e estuador

Formação e fundição em gesso; endurecimento e bronzeamento do gesso; Material, ferramentas e utensílios para o trabalho em estuque; estufe e escalo; decorações de estuque; fabrico de massas plásticas, por JOSEF FULLER.

1 volume de 196 páginas, encadernado em percalina. .... 12\$00

Fundidor

Descrição e classificação do ferro, sua fusão e maneira de vasar. Materiais para a moldação, preparação e mão de obra. Diferentes processos de moldar. Fornos diversos, sua construção e maneira de funcionar. Regras e conselhos para se poder evitar imperfeições na fundição. Ligas metálicas. Cálculo e superfícies e volumes. Cálculos do peso etc., por HENRIQUE FRANCISCO DA SILVA.

1 volume de 232 páginas, encadernado em percalina. .... 13\$00

Pilagem

Navegação costeira. Navegação estimada. Navegação astronómica. Cosmografia. Navegação astronómica. Regulação e reitificação de instrumentos náuticos. Reconhecimento hidrográfico, etc., por GUILHERME IVENS FERRAZ.

1 volume de 360 páginas, encadernado em percalina. .... 16\$00

## Indústria alimentar

Trigo, moagem do trigo; panificação. Diversas espécies de pão. Fabrico de massas, alfarrias, bolachas, etc., por PEDRO PROSTES.

1 volume de 190 páginas, encadernado em percalina. .... 12\$00

## Indústria do vidro

Generalidades, claria, potes, flutadores; mergulhadores, fornos e preparação de matérias primas. Manipulação do vidro e fabricação do vidro fino. Acabamentos e ornamentação. Vidraça e fabricação de grandes chapas de vidro. Diversas qualidades de vidro, Vetros e objectos de fabrico especial, etc., por JOSE MARIA DE CAMPOS MELO.

1 volume de 232 páginas, encadernado em percalina. .... 12\$00

derá com os homens do exercito do rei o mesmo que sucedeu com os rapazes de Domrémy.

«Reanimar a coragem dum exercito desanimado, abatido, exaltá-lo, conduzi-lo direito ao inimigo, seja qual for o seu número, atacá-lo com audácia em campo raso ou atrás dos seus entrenchamentos e vencê-lo, não é empresa impossível... Se é coroada de bom êxito, as consequências da primeira vitória, reanimando o espirito dum exercito demoralizado pelo hábito da derrota, são incalculáveis...

Estes pensamentos revelavam em Joana uma intuição profunda das causas da guerra. Ela não era, além disso, daquelas pretenciosas visionárias que esperam só de Deus o triunfo da boa causa; um dos seus rífoes familiares era este: *Ajuda-te, que o céu te ajudará*... Ela praticou sempre este adágio do bom senso rústico: também, quando mais tarde um capitão lhe dizia desdenhosamente:

«Se Deus quizer expulsar os ingleses da Gália, pode fazê-lo pelo unico efeito da sua vontade; não precisa de ti, Joana, nem da gente de armas,» Joana respondia:

«—A gente de armas combaterá... e Deus dará a vitória...»

Aqueles três anos de obsessões misteriosas, que preludiavam a sua glória, foram para Joana um tempo de lutas secretas e aflições; a fim de obedecer às suas vozes, a fim de realizar a sua missão divina e de tornar verdadeira a profecia de Merlin, ser-lhe-ia preciso batalhar... e ela tinha um tal horror ao sangue, que os cabelos se lhe arrepiavam quando via correr sangue francês,—disse ela um dia.—Ser-lhe-ia preciso viver nos acampamentos com os soldados... e uma das suas principais virtudes era o pudor; ser-lhe-ia mister abandonar a casa onde tinha nascido, renunciar aos seus humildes trabalhos domésticos, em que era muito hábil.—Ser-lhe-ia preciso, enfim, separar-se dos seus amigos da infância, de seus irmãos, de seu pai e de sua mãe, para se dirigir, ela, sobre camponesa des-

conhecida, dos confins da Lorena junto do rei Carlos VII, e dizer-lhe:

«—Senhor, eu sou enviada por Deus junto de vós; confiai-me o comando das vossas tropas, eu porei os ingleses fora da França.»

Joana reflecte assim nesses momentos de dúvida, mas logo que era dissipado o seu êxtase e que ela tornava a cair na pura realidade, a pobre criança recuava diante de um abismo de dificuldades, e de impossibilidades sem número. Ela metia-se a ridículo e lastimava-se; o passado lhe parecia um sonho, e perguntava a si própria se ela não estaria louca; supplicava às suas vozes que se fizessem ouvir, às suas santas que lhe aparecessem, a fim de lhe reanimar a fé na sua divina missão. A crise de Joana tinha passado, as vozes misteriosas tinham ficado mudas, e ela julgava-se então uma miserável insensata...; no dia seguinte ou mesmo durante aquela noite, ela via caminhar para junto dela as suas belas santas, com coróas de ouro na cabeça, exalando um perfume celeste, com o sorriso nos lábios, dizendo-lhe:

«Coragem, Joana, filha de Deus!... tu livrarás a Gália...; o teu rei dever-te-á a coróa!... A hora aproxima-se! Prepara-te para cumprir a tua missão.»

A jovem donzella recobrava fé na sua predestinação, até ao dia em que novas dúvidas a oprimiam e se dissipavam de novo; estas dúvidas contudo foram diminuindo. Chegou finalmente o momento em que, não experimentando mais desalecimento de espécie alguma, invencivelmente penetrada da divindade da sua missão, Joana resolveu cumpri-la a todo o custo, não esperando senão uma ocasião oportuna; sentindo mais do que nunca a necessidade de pôr em prática o seu adágio favorito: *Ajuda-te, que o céu te ajudará*, todos os esforços do seu espirito tenderam desde então a insinuar-se secretamente do estado das cousas da Gália e a adquirir as primeiras noções do officio das armas.

Os acontecimentos públicos e a situação geográfica do seu vale aproveitaram a Joana admiravelmente. As fronteiras da Lorena eram frequentes vezes atravessa-

das por mensageiros que se dirigiam à Alemanha ou que vinham deste país; Tiago Darc, curioso de saber notícias, como o são todas as pessoas que habitam em países afastados dos grandes centros, oferecia de vez em quando hospitalidade a esses mensageiros. Eles falavam da guerra dos ingleses, única preocupação daqueles tristes tempos; Joana sempre contida pelos olhares de seus pais, estranhos aos vastos desígnios que nela fermentavam, fiava silenciosamente na sua roca, mas não lhe escapava uma única palavra das narrações que ouvia. A's vezes, contudo, arriscava timidamente algumas perguntas aos viajantes acerca do interesse relativo a sua preocupação secreta, informando-se assim pouco a pouco. Ainda por aqui não fica: os habitantes de Vaucouleurs, pela sua resistência heróica, tinham várias vezes obrigado os ingleses a levantar o cerco desta praça; estes, quando se aproximava o inverno, iam estabelecer quartéis na Champagne e voltavam na primavera; durante estas marchas e contra-marchas, os partidos inimigos assolavam de novo o vale do Mosa. Tiago Darc, seus filhos e outros lavradores, foram mais uma vez obrigados a ir procurar refúgio no castelo da ilha, muitas vezes atacado, mas corajosamente defendido. Passado o perigo os pobres camponeses voltavam para a aldeia.

A estada da família Darc no castelo da ilha, bem fortificado e ocupado por soldados experimentados, as rondas, as sentinelas e os assaltos que a guarnição teve de sustentar, familiarizaram Joana no mister das armas; concentrada, obediente à sua vocação guerreira, observando atentamente o que se passava em volta dela, procurando instruir-se nos preparativos e meios de defesa, ouvindo e meditando as ordens que eram dadas aos soldados pelos seus chefes, ela aprendia ou adivinhava deste modo os princípios elementares da arte militar. Estas noções germinavam e amadureciam no espirito pronto e penetrante da rapariga; ela duvidava menos de si quando as suas vozes lhe diziam:

«—A hora aproxima-se... Tu expulsarás os in-

gleses da Gália; tu és a virgem de quem Merlin profetizou a vinda!...

Joana tinha um tio chamado Dinis Laxart, que habitava Vaucouleurs; ele conhecia havia muito tempo o comandante Roberto de Baudricourt, capitão muito afamado no país, pela sua valentia, o seu dolo implacável aos ingleses, e pela sua dedicação à causa do rei; muitas vezes Joana interrogava seu tio acerca do capitão Roberto de Baudricourt, perguntando-lhe qual era o seu carácter, a sua afabilidade, e a maneira como ele acolhia a gente de humilde condição; o bom Dinis, na sua simplicidade, não suspeitando o motivo das perguntas de sua sobrinha, attribuia-lhe as simples curiosidades de rapariga, e respondia-lhe—que Roberto de Baudricourt, tão bravo soldado como brutal e violento, mandava de ordinário toda a gente para o diabo; que era um homem terrível, de quem ele tinha muito medo, e de quem se não aproximava sem tremor.

«—E' pena que um tão bom capitão tenha esses defeitos.» E ela mudava de conversa, triste e desanimada, porém mais tarde voltava ao assunto.

Joana chegou à idade de dezassete anos, era o tempo marcado em que deviam realizar-se as profecias.

Nos últimos dias do mês de Fevereiro de 1428, uma pequena porção de soldados, voltando à Lorena para junto do seu duque, pertencente ao partido armagnac, fizeram alto em Domrémy; os aldeões, hospitaleiros, acolheram cordealmente estes estrangeiros em suas casas. Caiu em parilhas a Tiago Darc um sargento; a família fez-lhe bom acolhimento, os rapazes ajudaram-no a desembaraçar-se do capacete, do escudo, da lança e da espada, e essas armas foram depostas no canto da sala, onde Joana e sua mãe se apressavam a preparar a comida do hóspede. A vista das armas que ele acabava de tirar, fez estremecer a rapariga, que não pôde resistir ao desejo de lhes tocar as escondidas, e aproveitando-se de um momento em que ficou só, cobriu a cabeça com o capacete de ferro, e tomou na mão a pesada espada que tirou da bainha.

16-9-1923 OS MISTÉRIOS DOPOVO N. 531



## Conferência Nacional dos Trabalhadores Têxteis

(Trabalhos a apresentar pela comissão pró-Federação, delegada do Sindicato Têxtil do Porto)

Vai realizar-se em Santarém, nos dias 21 e 22 do corrente, a Conferência Nacional dos Trabalhadores Têxteis, assembleia de preparação do Congresso Têxtil onde sairá a federação de indústria. O Sindicato Têxtil do Porto no louvável intuito de contribuir para a importância desta conferência nomeou uma comissão que elaborou os trabalhos que a seguir publicamos e que estão destinados a produzir larga discussão pela sua importância.

**Plano de acção sindical a desenvolver nas localidades onde o número de trabalhadores seja superior ao dos organizados**

**Camaradas Conferencistas:**

Aproveitando o ensejo de estarmos reunidos em conferência, estudando as bases sobre as quais devem assentar a nossa Federação de Indústria, nós, sem pretendermos impedir a liberdade de pensamento a quem quer que seja, trazemos à vossa sanção um trabalho, embora incompleto, derivado à escassez de tempo com que lutamos, no entanto encerra a nossa maneira de ver acerca da acção a desenvolver, pró organização de todos os trabalhadores da indústria têxtil, nas localidades com que esse ramo industrial predomine.

É do vosso conhecimento que a nossa indústria é uma das mais importantes em Portugal, pelo menos, e consequentemente, uma das que emprega enorme quantidade de trabalhadores de ambos os sexos. E mais, o grau de desenvolvimento da situação miserável que esses trabalhadores atravessam, provocada pelo industrialismo egoísta e explorador, que sem ter consideração pelos seus melhores cooperadores, os reduz à mais baixa condição de escravos.

Devido à pouca cultura que no seio dos trabalhadores se tem desenvolvido, eles conservam-se alheios a tudo que diz respeito ao progresso, e a desconhecem, quais as proveniências das crises de trabalho e mais factores que contribuem para que a sua situação económica se agrave.

Exemplificando: Tecelões manuais há que condenam o mecânico em virtude de nestes teares se produzir maior quantidade de tecido num dia, do que noutros em dois e daí esse facto acarreta-lhes enormes prejuízos pela absorção de teias. Se alguém se dispuser a dizer-lhes que as origens das crises de trabalho advêm muito especialmente do egoísmo feroz do industrialismo em não querer perder com a baixa cambial; da normalização do horário de trabalho; dos salários tanto no inverno como no verão, alegando os industriais falta de máquinas produtoras de fio e demais irregularidades de trabalho, — eles não acreditarão e continuarão como sempre, alheios a tudo, e ignorando tudo.

Necessidade há, portanto, de desenvolver de Norte a Sul do País, nas localidades onde exista ramo de indústria têxtil, uma acção e persistente propaganda sindical no sentido de organizar esses trabalhadores em sindicatos profissionais, — únicos organismos que, bem orientados, podem facilmente normalizar as várias deficiências que na indústria se notam, e que são a origem do mal estar económico e social de milhares de trabalhadores.

Para essa propaganda se realizar, necessário se torna o sacrifício dum minoria consciente, que se mantem ainda organizada, desde que para isso os poucos militantes têxteis se disponham também — dando-lhes o exemplo.

A conferência dos sindicatos têxteis da região portuguesa, considerando que a indústria têxtil é uma das que mais sofre com as crises de trabalho constantes, derivado a não possuírem os trabalhadores uma boa organização sindical que estude os problemas mais palpitantes e que se relacionam com a situação económica e social; que quando os trabalhadores de todas as outras indústrias, e de vários países, se organizam constituindo um exército formidável disposto a lutar contra o inimigo comum — a burguesia — constatamos que em Portugal os trabalhadores têxteis se conservam inaptos perante toda essa evolução; que urge desenvolver uma acção e persistente propaganda, tanto oral como escrita, em todas as localidades onde o ramo de indústria têxtil predomina; que para essa propaganda ser levada a efeito necessário se torna que todos os trabalhadores têxteis organizados se disponham a contribuir materialmente na medida do possível, em virtude de os organismos centrais não possuírem dinheiro que possam arcar com essas responsabilidades; resolve:

1.º Organizar dentro dos sindicatos profissionais das respectivas localidades, comissões de propaganda que se disporão:

a) Editar manifestos de propaganda sindical, incitando os trabalhadores a organizarem-se dentro do seu respectivo sindicato e a apontar-lhe os males que advêm da continuação da sua indiferença perante a organização;

b) Realizar sessões de propaganda por fábrica ou por bairros segundo a melhor conveniência;

c) Nas sessões a realizar usarão da palavra os militantes que mais conhecimentos possuam, adoptando uma linguagem compreensível;

d) Adoptar um método especial na propaganda a fazer de maneira a não ferir a crença de cada um operário que a elas assista;

e) Demonstrar, simplesmente, a necessidade de se organizarem dentro dos sindicatos profissionais e as vantagens que disso advirão;

2.º Os sindicatos que não possuam os fundos indispensáveis para a edição de manifestos e envio de delegados a qualquer localidade limitrofe, enviarão todos os esforços no sentido de:

a) Nas assembleias gerais da classe, a comissão de propaganda por intermédio dum seu componente, apelar para a consciência dos trabalhadores fazendo-os interessar no plano de organização que a mesma levará a prática (alíneas a, b, c e d);

b) Organizarem-se comissões de auxílio monetário que procurarão a melhor forma de, por intermédio de listas-subscritas,

festas dramáticas, passeios, e excursões, etc., arranjar receita.

3.º As comissões de propaganda criadas pelo número 1.º trabalharão de comum acordo para melhor coordenação dos trabalhos a realizar na distribuição de listas, etc., etc.

4.º Caso os organismos centrais possuam fundos de receita próprios, os sindicatos que mais dificuldades tiverem, recorrerão a um apelo de cujos resultados só a organização lucrará.

**A Federação da Indústria Têxtil perante os vários partidos políticos — A questão Internacional**

Ao ocuparmos nas fileiras da organização sindical o lugar que nos estava reservado, nós teríamos que marcar a nossa posição ao lado das restantes Federações de Indústria aderentes à C. G. T., tanto neste momento em que os detractores do sindicalismo pretendem dela apoderar-se para satisfação dos seus fins políticos. Nunca é demais repetir o que afirmámos: que não há partido de qualquer espécie, mesmo que se apresente com a cor mais vermelha, que seja capaz de estudar de perto os problemas que mais interessam o proletariado, que numa constante labuta depauperou o seu físico.

São os factos históricos que nos obrigam a reconhecer que a «Emancipação dos trabalhadores» será obra dos mesmos trabalhadores.

Ontem foram os republicanos que entoando melodias conseguiram ludibriar o povo com uma república mais cruel e mais tirânica do que a amante da Liberdade, Igualdade e Fraternidade. Depois para cá, houve o Macdonald em Inglaterra, os Herriot em França, um Stressemann e ainda um Lênine na Rússia dos Soviéticos, e muitos mais socialistas reformistas que mais se irmanam com os Mussolinis e Riveras de Itália e da Espanha.

Como ontem foram os republicanos, hoje aparecem-nos os «partidários da frente única do proletariado», e dizendo-se também do povo procuram, com as suas falsas doutrinas, fazer obstruccionismo à evolução dos ideais de Emancipação Humana, que sem reconhecer pátrias se infiltram no cérebro dos humildes escravos da gleba. Pêlas táticas e processos usados pelos referidos «partidários da frente única» nós temos observado que são outros «salvadores» que com mais astúcia fazem o jogo da burguesia, procurando desviar o proletariado organizado sindicalmente do caminho da conquista da sua emancipação. O povo só deve confiar no seu próprio esforço, agindo directamente contra todas as castas privilegiadas. E por ser assim a Conferência Têxtil Nacional:

Considerando que o povo trabalhador só poderá encontrar a sua completa felicidade no comunismo livre; que no seio da organização sindical os «falsos políticos» dizem-se defensores da «frente única» pretendem desmatar a adoptando para isso os mais vis e baixos processos; que a Associação Internacional dos Trabalhadores é o único organismo internacional que defende a autonomia do verdadeiro sindicalismo revolucionário cujas finalidades ideológicas, contra toda a espécie de governos, de autoridades e de políticos, se constatarem no Anarquismo; que a organização operária portuguesa, aderente à C. G. T. e simultaneamente à A. I. T. está sendo vilmente combatida pelos automatados da burguesia, delibera:

1.º — Reconhecer como únicos métodos de luta a acção que nos apresente o Sindicalismo Revolucionário, até ao comunismo livre — aspiração máxima de toda a humanidade escrava.

2.º — Combater toda a espécie de políticos que dentro da organização sindical pretendam exercer a sua influência de desagregação e defectismo, e dentro dos sindicatos desenvolver a máxima propaganda no sentido de:

a) Não admitir que dentro dos corpos gerentes dos sindicatos indivíduos influentes em qualquer partido político ou matéria religiosa exerçam a sua acção fora dos objectivos demarcados na presente conferência;

3.º Ratificar as resoluções tomadas no Congresso da Covilhã pela maioria esmagadora, no respeitante à adesão à Internacional dos Trabalhadores, dando a sua franca e incondicional adesão a esse organismo.

Reconhecidas as vantagens da Federação travar estreitas relações com as suas congéneres d'além fronteiras, a conferência delibera:

1.º Saludar efusivamente aquele organismo Internacional, e comunicar-lhe as resoluções da conferência em pretender travar relações com as suas congéneres, por intermédio do seu secretariado.

2.º Incumbir o delegado da C. G. T. de, no conselho confederal, defender os pontos de vista da Federação, no respeitante a uma acção a desenvolver contra os políticos de toda a espécie.

**A crise de trabalho — Alguns meios de a debelar**

Um dos graves problemas que mais afectam as classes trabalhadoras em geral e em especial a de indústria têxtil, é as crises de trabalho constantes que atravessa.

Qualquer operação cambial que se premedite, é o suficiente para que o industrialismo amedrontado suspenda a laboração das fábricas e atire para a miséria com milhares de trabalhadores.

Por mais reclamações que junto dos poderes constituídos se formulem, no sentido de debelar o mal, nunca este desaparece, nem o governo se interessa verdadeiramente para que ele desapareça. Vejamos como em Lisboa, constantemente, comissões de operários representantes de vários organismos sindicais sobem e descem as escadas dos ministérios, sem outra coisa terem obtido do que promessas que os ministros lhes fazem. E quando doloroso é dizer-lhe há organismos que, esquecendo as suas tradições revolucionárias, a sua ideologia anti-colaboracionista, colaboram com os patrões, com os mesmos causadores da «chômage», e vão junto do governo, solicitar-lhes a protecção pautal com manifesto prejuízo da população consumidora.

E a colaboração de classe despresando a acção directa do sindicalismo revolucionário.

rio que tem dado aqueles resultados improficuos que é próprio no reformismo.

Há alguns factores importantes na indústria, que muito contribuem para que a crise de trabalho se verifique com mais frequência e que destruídos seria melhorar a situação económica dos trabalhadores.

Há, porém, na especialidade de tecidos o sistema de empreitada. Ora este factor, parecendo à primeira vista que nada influe no alastramento da crise, é um dos principais, senão o maior. E isto já pelo espírito egoísta dos próprios operários que quanto mais obra produzem mais lucros têm; e pelo espírito egoísta dos próprios industriais, que não querendo estabelecer um salário equivalente à média dum dia de trabalho por empreitada mantêm um regime degradante e péssimo dentro das oficinas.

Existe ainda, nalgumas localidades onde a indústria predomina, a falta do cumprimento do horário de trabalho. Sabemos perfeitamente que em Portugal há muita falta de fiações (na especialidade de lanifícios) que satisficam as necessidades da tecelagem. E as irregularidades no horário de trabalho, a falta de maquinaria e o regime de empreitada contribuem para que se dem os seguintes factos: O que se deveria produzir num ano, produz-se em sete e oito meses, dando em resultado andarem os trabalhadores os restantes meses sem trabalhar; havendo falta de máquinas produtoras de fio, daí em resultado as especialidades de tecidos e de ultimateção serem as mais atingidas — a pesar de a primeira ser a melhor remunerada. Acresce ainda a circunstância de os industriais, em lugar de mandarem vir as máquinas que à indústria são indispensáveis, limitarem-se a importar fio, o que faz com que a matéria prima saia por preços fabulosos.

Além dos factos que acima apontamos há ainda a acrescentar o problema de aprendizagem que mais se faz sentir na especialidade de tecidos, e do que se tem abusado consideravelmente.

Expostas, embora que lacónicamente, algumas das razões que servem de base à crise de trabalho, nós esperamos que a conferência se pronuncie sobre um assunto tão palpitante, e propomos:

1.º Para que a Federação estude ponderadamente este assunto, e que junto da Secção de Federações, da C. G. T., se coordene numa enérgica acção de propaganda atinente a:

a) Estabelecer nas localidades onde isso se não constate um horário de trabalho que não exceda além de oito horas diárias, em todas as especialidades de indústria;

b) Estabelecer nas localidades onde isso se não constate um horário de trabalho que não exceda além de oito horas diárias, em todas as especialidades de indústria;

c) Intensificar uma persistente propaganda pró-conquista do horário de trabalho de seis horas.

2.º Encarregar a Federação de estudar com organismos centrais um movimento de carácter geral, quando disso houver possibilidade, no sentido de estabelecer de vez o regime único de trabalho de jornal com a fixação de salários mínimos e por regiões;

3.º Proceder-se desde já à constituição dos conselhos de fábricas, conforme o preconiza a tese «Organização Social Sindicalista», discutida no congresso da Covilhã;

4.º Que todos os sindicatos nas suas respectivas localidades procurem estudar o problema da aprendizagem, regulando-a de modo a não desprestigiar a orientação da Federação demarcada na actual conferência.

**Miguel Pinto Moreira, Ernesto Juvenal, Leolino Ferreira, António Alves de Sá, António de Almeida, Santos Júnior (relator).**

## Rectificação

No extracto da sessão dos ferroviários do Sul e Sueste, realizada no Barreiro, são-me atribuídas estas palavras que eu não pronunciei: «Falando sobre as reclamações entregues pelos ferroviários do Sul e Sueste, declara ter a certeza de que não serão satisfeitas», etc.

Se bem que toda a gente que tenha lido esta passagem faça, porventura, o desconto devido a uma reportagem deficiente e imprecisa, como quasi sempre sucede em relatórios daquela natureza, muito bem pode haver quem acredite, principalmente os que têm interesse em não atender as reclamações em referência.

O que eu disse, em resumo e referindo-me à falta de comparência dum maior número de interessados, é que semelhante falta poderia redundar numa negativa por parte de quem tem que atender as reclamações feitas, pois bem poderia observar naquella falta desinteresse ou fraqueza — o que era necessário evitar de futuro.

A declaração que me é atribuída é, pois, destituída de verdade. E como já estou lido cheio de me atribuírem o que não faço e o que não digo... apresso-me a repór as coisas no seu lugar, antes que surja a especulação. — M. J. de Sousa.

## As classes Marítimas e Fluviais

Constando que ontem dois rebocadores, contrariamente ao estabelecido quanto à solidariedade a prestar pelas classes marítimas e fluviais aos carpinteiros navais da Parceria, agora em greve, estiveram fazendo serviço nas docas da referida empresa, as classes que firmam este comunicado declaram que continuam prestando toda a solidariedade aos grevistas, não fazendo serviço nas docas nem nas oficinas da Parceria.

Devem, portanto, todos os fogueiros, maquinistas, «chauffeurs» marítimos e pessoal de rebocadores e gazolinas, manter a atitude que pelas respectivas associações lhes foi indicada, para que o lamentável facto ontem ocorrido não se repita.

Os carpinteiros navais enviam estas classes os protestos da sua solidariedade.

As Associações de Classe de Fogueiros de Mar e Terra, «Chauffeurs» Marítimos e Pessoal de Rebocadores e Gazolinas.

## CRISE DE TRABALHO E BAIXA DE SALÁRIOS

Os tanoeiros do Porto e Gaia pugnam pelo desaparecimento do sistema de torna-viagem

VILA NOVA DE GAIA, 11. — Uma das principais aspirações da classe de tanoaria é acabar com o sistema de torna-viagem, pois seria essa a forma de empregar centenas de operários que se encontram sem trabalho.

A esta justa pretensão opõem-se os industriais de tanoaria, em especial os ingleses, sem o mínimo respeito pelo direito de viver dos operários.

Pelo sindicato dos tanoeiros do Porto e Gaia, foi distribuído à classe um vibrante manifesto do qual recortamos o trecho que se segue:

«Com o voto unânime de todas as classes à nossa indústria pertencentes, enviámos a todos os industriais e exportadores uma circular afirmando-lhes que, a partir do dia 3 de Outubro próximo, não mais consentiremos cascaria de torna-viagem, explicando as razões da nossa atitude.

Nessa mesma circular pedíamos uma resposta de todos aqueles industriais ou exportadores que por ventura não estivessem de acordo e, se é certo que ainda não expirou o prazo que para a resposta demos, também não é menos certo que alguns exportadores ingleses — os que «todo lo mandam» em Portugal — têm procurado uma coacção, que o seu pessoal se indisponha com a Associação e, por tanto, consigo mesmo. Este gesto dos que se julgam donos de Portugal — os ingleses — merece a nossa maior repulsa e indignação. Então, pode conceber-se que, pela coacção, se obrigue os operários a proceder contra os seus interesses e as indicações da sua consciência? Isto é simplesmente o cúmulo da baixa moral!!!!

Pretendem os exportadores ingleses fazer qualquer observação ou emenda ao princípio demarcado na nossa circular? Que se dirijam a quem de direito — o nosso Sindicato! — assim compreende-se e explica-se logicamente; mas, que individualmente obriguem o pessoal a assinar uns papéis por eles — ingleses, — escritos e que os operários não compreendem muito! Isso não! E preciso ter-se desido muito; é preciso não ter pudor nem dignidade para se servirem de tão infame «truque».

Nós, que somos acusados de incultos e por vezes de incorrectos, mandámos a circular com um mês de antecedência, enviámos, na mesma data, uma representação ao governo; entrevistámos as autoridades superiores do distrito e do concelho; demos, nas assembleias gerais, completa e ampla liberdade de cada um pensar e votar como entender, procurando sempre que as vozes sejam a provada indicação da consciência; nós, que pautamos sempre o nosso procedimento nas regras da educação, da lógica e do bom senso, constatamos que os senhores ingleses, procedem fora de toda a lógica, de todo o bom senso e de toda a educação.

Enquanto que nós damos provadamente a maior liberdade de expor, pensar e proceder, eles procuram, jesuiticamente, incorrecta e indignamente, que os trabalhadores atraiçoeem a sua própria causa.

Juraram — como os piratas juravam aos seus deuses — esmagar os trabalhadores da indústria vinícola portuguesa; e para porem em prática este maquiavélico juramento, não olham a meios, tudo lhes serve, desde a coacção ao «truque», desde a ameaça, à mais feroz perseguição, movida contra todos os que não se deixarem comprar tão indignamente».

Na passada sexta-feira reuniu-se a classe em assembleia magna, que teve uma larga concorrência, manifestando-se a assembleia ruidosamente contra o sistema de torna-viagem e levantando o seu protesto contra os industriais que sistematicamente pretendem baixar os salários dos operários tanoeiros e serradores mecânicos, salientando-se os industriais Bernardino Pereira da Silva e David P. Barquinha.

Em face do exposto não devem os operários da indústria ir trabalhar para as oficinas dos referidos industriais. — C.

**Casas Económicas da Ajuda**

Os operários destas obras reúnem-se hoje, na sede do S. U. C. Civil, calçada do Combro, 33 A, 2.º, para tratarem da sua situação.

**A má situação dos rurais de Borba**

BORBA, 12. — Nestes dois meses tem havido nesta localidade uma grande crise de trabalho, pelo que têm ido bastantes trabalhadores fazer as ceifas a Espanha, ficando cá as mulheres trabalhando inúmeras horas por ínfimos salários.

Há dias foi uma numerosa comissão junto do delegado do governo pedir providências para tal situação.

Esse senhor prometeu comunicar o que se passava ao ministro do Comércio, tendo também o sindicato dos rurais telegrafado aos presidentes do Ministério e do Senado, não se tendo ainda verificado qualquer resposta. — E.

## Secção Telefónica C. G. T.

Associação dos Trabalhadores Rurais de Elvas. — Ainda não recebemos o dinheiro da cota da adesão ao Congresso.

**Federações**

VINICOLA

Sindicato dos Tanoeiros de Gaia. — Recebemos vale 300\$00.

METALURGICA

Comité Metalurgico do Norte. — Respondam ao officio enviado pela Federação.

ACABA DE SAIR

O Sindicalismo Revolucionário e a Organização Operária

Por Rodolfo Rocker. Fogo escrito e um dos maiores oradores da Alemanha, membro da A. I. T. Folheto com 32 páginas, com um esboço biográfico do autor. Preço 1\$00.

Pedidos à administração de A Batalha.

A revolução Social e o Sindicalismo por Arknoef. Preço \$50.

## Congressos Operários

Congresso Confederal

Comissão organizadora

Esta comissão voltou ontem a reunir-se e apreciou o expediente recebido, que constava de várias adesões ao Congresso.

Constatou que já se encontram aderentes ao Congresso 105 organismos, o que demonstra o entusiasmo com que lavra entre todos os trabalhadores pela sua realização.

Atendendo a que ainda existem muitos sindicatos que não se pronunciaram, o que vão fazer na presente semana, resolveu a Comissão receber adesões até ao Congresso, chamando para isso a atenção dos respectivos sindicatos.

O do Livro e do Jornal

O Sindicato de Indústria Gráfica foi aprovado pelos Compositores Tipográficos

Proseguiu no domingo a discussão na generalidade da tese *Sindicato de Indústria Gráfica* que após varia discussão em que tomaram parte Américo Diamantino, José Romero, Joaquim Castelo, Xavier Cunha, Soares da Costa, Alfredo Rodrigues, Raúl Ernesto Dias, Basílio Neves, Lister Franco, Augusto Machado e Carlos José de Sousa que apresentou uma moção que foi aprovada por maioria com as seguintes conclusões:

1.º Aceitar a constituição do Sindicato Gráfico, segundo o trabalho presente e salvo na emenda que se venha a fazer; 2.º Reconhecer as vantagens sindicais, de organização e solidariedade que trará à família gráfica a sua constituição; 3.º Esforçar-se que após o congresso se iniciem os trabalhos tendentes à aquisição duma sede para sua instalação e fazer uma intensa e extensa propaganda sobre o sindicato e criar antes da sua formação os comités e delegados de oficina.

Na segunda e terça-feira proseguiu a discussão na especialidade sendo aprovada a tese com algumas alterações.

A assembleia proseguiu hoje pelas 18 horas, para discussão dos «Estatutos da F. T. L. J.», e das teses «Relações Internacionais», «Manutenção das regalias conquistadas», «As mulheres e menores na Indústria» «Cota de resistência», etc.

O conselho Central da Federação dos Trabalhadores do Livro e do Jornal reuniu ontem para apreciar as teses ao Congresso Confederal e nomeou como seus delegados Delfim de Sousa Pinheiro e Raúl de Sousa.

## SOLIDARIEDADE

Pró-José Filipe

Declara-nos José Filipe ter recebido das camaradas Virgílio e Izidoro a quantia de 77\$30, proveniente de uma quete tirada em campo de Ourique e no Rato e outra na importância de 27\$20 tirada em casa do camarada Peres, na rua Gomes Freire.

José dos Santos declarou-nos ter recebido a quantia de 22\$35, duma quete tirada na obra do novo manicómio.

Pró José Pires de Matos

Este militante, que se encontrava em tratamento dum perigosa doença em Castelo Branco, passou por conselho dos médicos para a próxima vila de Alpedrinha, na serra da Gardunha, onde os ares são melhores.

A sub-comissão de auxilio, criada em Castelo Branco, tem lutado com dificuldades para poder prestar-lhe a necessária assistência, contando actualmente com um deficit de 47\$300.

A fim-de não ver inutilizados todos os seus esforços roga a mesma comissão a todos os indivíduos e organismos a quem foram enviadas circulares, bem como a todos os trabalhadores para contribuírem quanto antes com o seu imprescindível auxilio para habilitarem a comissão a cumprir a missão que se impoz e que não pode sofrer interrupção.

São os seguintes os auxilios até agora recebidos pela sub-comissão de Castelo Branco:

Transporte: 322\$00. Sindicato dos Corticeiros, Evora, 30\$00; Samuel Pais Pinto, Ovar, 10\$00; Centro Comunista Libertário, Porto, 50\$00; José Margarido de Paiva, Porto, 10\$00; Costa Carvalho, Porto, 10\$00; Manuel Soares Matos, Porto, 10\$00; A. Costa Coelho, Porto, 20\$00; Mário Azevedo, Porto, 10\$00; Mendes, Porto, 10\$00; Amadeu, Porto, 10\$00; T. Porto, 5\$00; Gonçalves, Porto, 2\$50; António José de Brito, Porto, 20\$00; Bernardino Marques, Lisboa, 100\$00; José Gomes da Costa, Castelo Branco, 200\$00; Sindicato dos Fragaiteiros, Portimão, 50\$00; Sindicato dos Sapateiros, Serpa, 10\$00; Sindicato dos Trabalhadores Rurais, Aldega, 30\$00; Sindicato dos Corticeiros, Odemira, 19\$50; Grupo Libertário, Odemira, 3\$00; Soma: 932\$00.

Toda a correspondência e auxilios a enviar à sub-comissão devem ser endereçados a José Vilhena, Associação dos Corticeiros, Castelo Branco.

Pró-José Vargas Júnior, António Dias e Pedro Guia de Oliveira

A comissão organizadora do espectáculo pede a quem ainda não prestou contas o favor de as liquidar até sábado, a fim de ser o seu resultado entregue a quem de direito.

Pró-família de Filipe José da Costa

Previnem-se todos os que tenham bilhetes para a festa que se realiza no próximo domingo, pelas 15 horas, de que devem entregar os bilhetes que não foram passados até sexta-feira, sem o que se considerarão vendidos, assim como entregar as importâncias que tenham em seu poder, pois a família de Filipe José da Costa precisa de socorro urgente.

«Educação Social»

Revista de pedagogia e sociologia dirigida pelo prof. dr. ADOLFO LIMA. Publicação mensal.

Redacção e administração — Empresa Literária Fluminense, Limit. — R. dos Retreiros, 125 — LISBOA

## Vida Sindical

C. G. T.

Conselho Confederal

Reúne-se amanhã, às 20 horas, para nomeação de delegados aos Congressos Corporativos e apreciação dos pareceres das comissões revisoras de contas, relatórios dos congressos, ordem de trabalhos do mesmo e propostas do Conselho Jurídico.

Comité Confederal

Reúne-se hoje, às 18 horas, para apreciação do relatório ao Congresso.

**Câmara Sindical do Trabalho**

Reúne-se hoje pelas 18 horas.

COMUNICAÇÕES

Federação da Indústria Vinícola. — Conselho Federal. — Reuniu-se ontem para apreciar vários assuntos referentes ao congresso confederal e jornal corporativo, ficando assente que volte a reunir-se na próxima sexta-feira. Nomeou delegado ao Congresso Confederal, Faustino Ferreira.

Operários alfaiates. — Reuniu-se a assembleia geral que concluiu a discussão das teses tendo nomeado delegado ao 1.º Congresso Confederal — por proposta da direcção por unanimidade da assembleia — Ernesto Bonifácio.

Ficou para a próxima assembleia geral a nomeação do delegado à C. S. T. L. S. U. C. C. — Secção dos carpinteiros. — Reuniu-se a comissão administrativa, tendo ouvido a comissão pró-bandeira, que comunicou ter mandado fazer os retratos dos consócios, já falecidos, Francisco Rodrigues Aparicio e Gualdino Rosa, que serão inaugurados ao mesmo tempo que a bandeira. Registraram-se várias ofertas, pedindo-se a todos os consócios que contribuam com qualquer brinde para a referida festa.

CONVOCAÇÕES

REÚNEM HOJE

Federação Metalúrgica. — O conselho federal às 21,30 horas.

Federação Mobilíaria. — O conselho federal, pelas 21 horas, para apreciar as teses a discutir no Congresso Confederal.

Federação do Calçado, Couros e Peles. — O conselho federal pelas 21 horas.

S. U. Mobilíario. — A assembleia geral, pelas 21 horas, para apreciar o parecer dos delegados ao Congresso Confederal, sobre as teses.

S. U. Metalúrgico. — A comissão administrativa pelas 20 horas.

Secção do Pápo do Bispo. — A's 20,30 horas a assembleia geral.

Compositores tipográficos. — Pelas 18 horas a assembleia geral para prosequimento da apreciação das teses ao Congresso Confederal.

S. U. da Construção Civil. — Para assunto urgente que se prende com o despendimento de operários das obras do novo Manicómio, reúnem juntamente com o conselho administrativo, as comissões administrativas das secções sindicais e profissionais e delegados dos Conselhos Técnico e de Secções, pelas 20,30 horas.